UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS

SAULO GOMES DE SOUSA

LITERATURA NA AMAZÔNIA
CULTURA E MODERNIDADE NA LITERATURA DO ORIENTE BOLIVIANO

PORTO VELHO
2015

SAULO GOMES DE SOUSA

LITERATURA NA AMAZÔNIA
CULTURA E MODERNIDADE NA LITERATURA DO ORIENTE BOLIVIANO

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em História e Estudos Culturais do Departamento de História, do Núcleo de Ciências Humanas, da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), como requisito para obtenção do título de Mestre em História e Estudos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar Barreto Rocha.

PORTO VELHO
2015

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

Sousa, Saulo Gomes de.

S725l

Literatura na Amazônia: Cultura e modernidade na literatura do oriente boliviano / Saulo Gomes de Sousa, Porto Velho, 2015.

87f.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

1. Literatura boliviana. 2. Cultura. 3. Modernidade. 4. Amazônia I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 82(851.21)

Bibliotecária responsável: Cledenice Blackman - CRB11/907

Dissertação entregue à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais da UNIR, no dia 02 de junho de 2015, para a obtenção do Título de Mestre em História e Estudos Culturais.

Título: LITERATURA NA AMAZÔNIA: CULTURA E MODERNIDADE NA LITERATURA DO ORIENTE BOLIVIANO

Banca Examinadora:

Dr. Júlio César Barreto Rocha
(Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais, presidente)

Dr. Alexandre Pacheco
(Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais, membro interno)

Dr. Miguel Nenevé
(Mestrado Acadêmico em Estudos Literários, membro externo)

Dr. Élcio Aloisio Fragoso
(Mestrado Acadêmico em Letras, membro suplente externo)

PORTO VELHO
2015

AGRADECIMENTOS

Deixo meus agradecimentos ao meu orientador, o Professor Dr. Júlio César Barreto Rocha pela orientação e amizade.

Aos Coordenadores do Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais Alexandre Pacheco e Carlos Santos, e à Universidade Federal de Rondônia.

Aos docentes do Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais.

Á Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal – CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos colegas discentes do Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais;

Aos amigos e colegas docentes do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Rondônia – *Campus* Cacoal.

Aos escritores bolivianos Homero Carvalho Oliva e Nicomedes Suárez Araúz pela assistência e contribuições bibliográficas.

A vida cotidiana na América Latina nos demonstra que a realidade está cheia de coisas extraordinárias.
(Gabriel García Márquez)

A Amazônia parece ser um grande signo modulado pelo tempo.
(João de Jesus Paes Loureiro)

A minha esposa Nábila Raiana.
À minha família.

LITERATURA NA AMAZÔNIA

CULTURA E MODERNIDADE NA LITERATURA DO ORIENTE BOLVIANO

Resumo: O presente trabalho visa trazer à tona a importância do conhecimento das representações literárias amazônicas, não restritas apenas ao contexto amazônico brasileiro. Visa também discutir por meio da literatura amazônica boliviana, os aspectos culturais e as relações sociais na região. Não a delimitando ou a isolando das demais regiões. Objetiva-se investigar as possibilidades de representações expressadas, e de como ela reescreve a história e cultura neste espaço geográfico. Nesse sentido analisa nas seguintes obras: Siringa, *Memorias de un colonizador del Beni*, de Juan Bautista Coimbra (1972); *Inundación*, de Luciano Durán Böger (1965); e *Los reinos dorados*, de Homero Carvalho Oliva (2007), os aspectos culturais, sociais e ambientais frente à Modernidade a partir do aporte cultural e literário de Ana Pizarro (2012) e Nicomedes Suárez Araúz (2014); e sobre o aspecto ideológico (Terry Eagleton). Desta forma, se objetiva apresentar esta literatura amazônica de além fronteira à academia brasileira, destacando sua importância como elemento para se entender a dinâmica pan-amazônica e ao mesmo tempo visibilizar por meio das obras citadas a possibilidade de se entender a visão de mundo de seus autores e como sua linguagem reescreve a história e cultura amazônica e latino-americana.

Palavras-chave: Literatura boliviana. Cultura. Modernidade. Amazônia.

LITERATURA NA AMAZÔNIA

CULTURA E MODERNIDADE NA LITERATURA DO ORIENTE BOLVIANO

RESUMEN: La presente investigación propone traer a la luz la importancia de se conocer a las representaciones literarias amazónicas, no restrictas solamente al contexto amazónico brasileño. Se objetiva también discutir por medio de la literatura amazónica boliviana, los aspectos culturales y las relaciones sociales en la región. No encerrándola de las demás regiones. Se intenta investigar en ellas las posibilidades de representaciones expresadas, y de cómo ella reescribe la historia y cultura en este espacio geográfico. Así, se analiza en las siguientes obras: Siringa, *Memorias de un colonizador del Beni*, de Juan Bautista Coimbra (1972); *Inundación*, de Luciano Durán Böger (1965); e *Los reinos dorados*, de Homero Carvalho Oliva (2007), los aspectos culturales, sociales y ambientales delante de la Modernidad por medio del aporte literario y cultural en Ana Pizarro (2012) y Nicomedes Suárez Araúz (2012), (2014); y en su aspecto ideológico en Terry Eagleton (2009). De esta manera, se objetiva presentar esta literatura amazónica tras la frontera a los estudios académicos brasileños, destacando su importancia como elemento para conocer la dinámica pan-amazónica y al un solo tiempo visibilizar por medio de las obras mencionadas la posibilidad de investigar como la cosmovisión y el lenguaje literario de sus autores reescriben la historia y cultura amazónica y latinoamericana.

Palabras clave: Literatura boliviana. Cultura. Amazonía. Modernidad.

LITERATURA NA AMAZÔNIA

CULTURA E MODERNIDADE NA LITERATURA DO ORIENTE BOLVIANO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

SEÇÃO 1 – AS INVENÇÕES LITERÁRIAS DA AMAZÔNIA: 'LUGAR SEM HISTÓRIA' 15

1.1 Veredas literárias na 'terra sem história' 15

1.2 O oriente boliviano e a Hispanoamérica 28

1.3 Amazônia e o oriente boliviano 30

1.4 Amazônia e modernidade na literatura beniana 32

SEÇÂO 2 – INTERLOCUÇÕES DA LITERATURA AMAZÔNICA BOLIVIANA .. 37

2.1 Existe uma 'Literatura amazônica' em um país andino? 37

2.2 Alguns apontamentos à literatura beniana 39

SEÇÃO 3: AS OBRAS: AMBIENTE, COLONIZAÇÃO E MITO 47

3.1 A Colonização do Beni em Juan B. Coimbra. 49

3.2 Aspectos sociais em Inundación, de Luciano Durán Böger 54

3.3 Aspectos culturais em Los Reinos Dorados, de Homero Carvalho Oliva..... 60

SEÇÃO 4: IMAGINÁRIO, CULTURA E MODERNIDADE 63

4.1 Imaginário e Modernidade na Amazônia 63

4.2 A Modernidade e a conquista da Amazônia boliviana 66

4.3 Das teorias pós-coloniais e a ideologia: o poder da literatura como resposta cultural 68

SEÇÃO 5: O ESPAÇO CULTURAL NAS OBRAS E RECEPÇÃO 73

5.1 Uma realidade material e a realidade do mito 73

5.2 O espaço político-cultural aplicado à análise das obras 75

***a) Siringa: Memórias de un colonizador del Beni* 75**

***b) Inundación* 77**

***c) Los Reinos Dorados* 79**

CONCLUSÃO 82

REFERÊNCIAS 86

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada **Literatura na Amazônia: cultura e modernidade na literatura do oriente boliviano,** parte inicialmente de um interesse específico desde quando eu ainda era aluno de graduação no curso de Letras Língua Espanhola e, também, de pesquisas realizadas a partir de literaturas sobre a Amazônia durante o período a qual fui pesquisador de iniciação científica (PIBIC), e mais especificamente pelo interesse de estudo no campo de literatura amazônica dos países hispanofalantes.

Este estudo também é motivado pela necessidade de conhecimento e interação com a literatura castelhana no âmbito amazônico, uma vez que durante minha graduação a presença deste conteúdo sobre esta literatura na grade curricular do curso é praticamente nula. Acredita-se na importância deste estudo no sentido de refletir sobre a história desta literatura relegada e desconhecida, e explorar sua dinâmica a partir da Amazônia (SUÁREZ ARAÚZ, 2014).

De fato, esta pesquisa é motivada também pela contribuição que tal literatura pode proporcionar na compreensão por meio de seu diálogo com o espaço cultural da região. Refiro-me aqui, sobre a possibilidade de reflexão sobre todo um conjunto literário que envolve também as porções amazônicas dos países hispano falantes.

A deficiência nas universidades brasileiras, e principalmente nos cursos de letras de um estudo significativo destas literaturas alimenta ainda mais o interesse nesta investigação, e encorpa a relevância desta pesquisa.

A ausência de um olhar aprofundado desta literatura é compreensível do ponto de vista que nossas atenções estão direcionadas aos grandes centros do país e naturalmente relegamos o contexto amazônico a um simples celeiro de produção regional, onde apenas destacam-se alguns autores que conquistaram certa posição no *cânone* nacional. Esta dinâmica é também recorrente dentro dos países amazônicos.

Nesse sentido, acredita-se na importância de nós, pesquisadores da área de Letras, de um país que detém a maior parte da Amazônia de promover a investigação de literaturas amazônicas não restritas a um país somente, mas também às literaturas amazônicas além fronteira.

Entender como se processa tal literatura amazônica nestes países se evidencia pela importância dos elementos históricos e culturais dentro da dinâmica literária.

Desta forma, é possível conhecer as contextualidades regionais, compreender a visão de mundo por meio de seus escritores e reconhecer transversalmente suas obras, as quais representam períodos históricos por meio da literatura seja ela em língua portuguesa, castelhana ou em línguas indígenas.

Neste trabalho, me compete apresentar um pouco do contexto literário da Amazônia boliviana e, a partir de um breve levantamento bibliográfico, refletir sobre esta literatura em sua importância como referência cultural desta região assim como fonte de entendimento da dinâmica amazônica.

Mais do que isso se quer construir uma massa crítica sobre esta literatura em suas potencialidades para o contexto literário amazônico como região. Para Nicomedes Suárez-Araúz (2014), a literatura amazônica ainda está por se escrever e como toda literatura necessita ainda de uma crítica específica. Nesse sentido, nesta pesquisa espero também contribuir para uma crítica por meio da reflexão sobre esta literatura tanto amazônica quanto latino-americana.

Dentro desta perspectiva, nesta investigação objetiva-se pesquisar a literatura amazônica a partir da literatura boliviana e a interface de sua cultura; promover reflexões sobre literatura, diante da análise de três obras específicas as quais se inserem no contexto literário amazônico.

Dentro desta literatura destaco três obras, as quais, acredito serem representativas dentro da literatura boliviana no ensejo da discussão cultural e literária de sua Amazônia e que traçam no plano representativo a história da região, dialogando com os referentes simbólicos e míticos dentro do imaginário amazônico.

As obras objetos desta pesquisa são: *Siringa: Memorias de um colonizador del Beni* (1946), de Juan Bautista Coimbra (1875 – 1946); *Inundación* (1965), de Luciano Durán Böger (1904 – 2006); e *Los Reinos Dorados* (2007), de Homero Carvalho Oliva (1954). Tais obras anteriormente citadas são uma síntese desta literatura.

Siringa: Memorias de um colonizador del Beni (1946) é uma novela que aborda a colonização da região oriental boliviana (Amazônia) durante as três últimas décadas do séc. XIX e inícios do séc. XX. Descreve as ações humanas durante o tempo áureo da extração da borracha na região, explora as relações humanas em contato com o 'desconhecido', o contato com o ambiente amazônico e toda a sorte que acompanha as grandes movimentações humanas: conflitos, miscigenação, hibridização e a modificação do meio ambiente e etc.

Inundación (1965) é um relato pujante que explora a relação entre o homem e o meio ambiente, mas principalmente as relações opositoras entre o opressor e o oprimido. A obra ambientada na Amazônia pós-exploração da borracha reflete as dificuldades humanas no isolamento, dificultado por uma inundação que força a experiência humana na busca pela sobrevivência em um lugar de natureza hostil como plano de fundo, mas em seu conteúdo explora a luta de classes, segundo seu autor, reflete a luta do homem no continente latino-americano.

Los Reinos Dorados (2007) traça um roteiro poético para levar seu leitor, por meio de uma ode, uma composição poética, a reconhecer e revisitar esta região, buscando em elementos oriundos de uma literatura fantástica relações mitológicas para contar as histórias ocultas desta Amazônia antes de ser conhecida por Amazônia. Antes da colonização pré-incaica, dos espanhóis e da colonização contemporânea.

Nesse sentido esta pesquisa se justifica a partir do entendimento que estas obras permitem compreender a Amazônia no contexto homem, natureza e mito à luz das concepções da literatura de países que compõe o que hoje conhecemos como a Amazônia e que podem contribuir para outras concepções amazônicas não restritas a um país somente, mas a um lugar de formação identitária (PIZARRO, 2012).

Assim, este trabalho se divide em cinco partes, cada uma com seu propósito determinado, mas todas elas remetem a um foco central, investigar a literatura amazônica boliviana por meio das obras de três autores, os quais são destacados como representativos dentro da conjuntura literária desta literatura.

Na primeira parte deste trabalho, visa-se retratar a Amazônia em sua coesão literária, discutindo aspectos referentes às culturas amazônicas e sua

literatura através de diálogos em torno da Modernidade na região amazônica em um contexto mais amplo, objetivando entender como a Modernidade influenciou na dinâmica cultural e também em sua expressão literária. Nesse sentido, torna-se a apresentar a literatura dentro do contexto amazônico boliviano, apresentando a dinâmica regional, destacando o 'oriente boliviano[1]' onde se encontra parte da floresta amazônica.

Na segunda parte do texto, discute-se sobre o panorama literário amazônico boliviano e da expressão literária em seu entorno vital. Destaca-se a produção literária do 'oriente boliviano' mais precisamente do Departamento do Beni, visando apresentar a 'literatura beniana' não restringindo esta literatura a um enfoque regional, interessa aqui, apresentá-la dentro da dinâmica da literatura latino-americana, sua importância no contexto literário nacional boliviano e latino-americano.

Na terceira parte nos toca, a abordar de forma introdutória as obras a partir de temáticas extraídas do texto dialogando com a dinâmica cultural regional e latino-americana, enfocando o ambiente, colonização e mito.

Na quarta parte do texto, nos interessa abordar a respeito do imaginário, cultura e Modernidade revisitando as possibilidades de análise teórica, dentro do contexto literário, cultural e descolonização nas obras.

Na quinta parte, analisa-se o espaço cultural nas obras e seu aspecto literário e de como obras que contemplam períodos históricos relevantes, assim como a realidade e do mito, a partir do cenário amazônico. E de como tais obras podem ser recebidas a partir de seu de um contexto histórico distinto por meio dos pressupostos culturais e ideológicos abordados por Terry Eagleton e ressignificados a partir da teoria pós-colonial.

Dentro da perspectiva de que a obra literária não é apenas uma simples ferramenta, mas um veículo onde o autor pode interagir e atingir seu receptor, configurando e transformando a realidade a sua volta.

[1] Região ao oriente dos Andes bolivianos, região de planície. Esta região compreende os departamentos bolivianos de Santa Cruz, Beni e Pano. Concentra-se nela parte da bacia amazônica.

SEÇÃO 1 – AS INVENÇÕES LITERÁRIAS DA AMAZÔNIA: 'LUGAR SEM HISTÓRIA'.

A literatura sobre a Amazônia se tornou evidente,
desde seus inícios, as imagens simultâneas de inferno paraíso.
As vozes do rio, Ana Pizarro

1.1 Veredas literárias na 'terra sem história'

A ideia de uma Amazônia como nação, segundo Pizarro (2001), se confirma, por ser esta uma área cultural formada por oito países que compartilham referentes comuns, tendo em seu centro o rio e a selva. Uma região que figura como nação, mas que, em seu interior está formada por múltiplas culturas que se referenciam pelo contato com o rio e a selva.

Por um longo período a região amazônica passou por processos constantes de invenção. Muitos são os conceitos que a definem, alguns renovados pelo tempo.

Levando em conta o esquecimento que atinge a história da Amazônia antes da chegada do europeu observa-se que tal ausência motivou muitos discursos que se intenciona a definir esta região como um lugar desprovido de história e de cultura. Foot Hardman (1952) no primeiro capítulo de *A vingança da Hilea* (2009) discorre sobre o prefácio-manifesto de Franklin Távora (1842 – 1888) em *O cabeleira* (1876), onde Távora defende uma 'literatura do Norte', segundo ele, Távola escreve muito mais sobre a Amazônia do que propriamente sobre o Nordeste, plano de fundo de suas obras. Foot Hardman aponta:

> Claro, o termo norte, naquelas alturas, abrigava indistintamente todas as províncias nordestinas e nortistas do Brasil. Mas é sintomático, no documento literário em pauta, que o autor cearense, ao lançar este manifesto, evoque em primeiro plano as paisagens da Amazônia as quais conhecer anos antes como secretário do governo da Província do Pará, e de que afinal nunca tratara em seus romances regionalistas, fixando-a assim como um mundo ainda à parte, objeto de nosso sonho civilizatório – o que incluiria sua representação literária, sua incorporação a cultura letrada nacional -, mas de todo modo um território distante, remoto no tempo e no mistério de seus rios florestas e línguas "sem histórias", enfim, no império de uma violência naturalizada, na fúria ancestral de uma natureza indômita (FOOT HARDMAN, 2009, p. 25).

O autor lança mão à obra de Távora para oferecer o paradigma com o qual se têm representado a Amazônia na literatura, como a região sem história. Esta *condição* de 'lastro-comum' é reproduzida nas literaturas ora como a terra incógnita e desabitada, e se constituí em uma conjuntura de um lugar à margem da história e isolado do mundo ocidental, onde tudo pode acontecer, o real e o irreal dentro da dicotomia do paraíso e o inferno. Enfim como um objeto de desejo de reparação civilizatória.

As fontes que definem a região são muitas, e entre as mais antigas podemos destacar as descritas por viajantes e cronistas que ao primeiro passo de incompreensão interessam-se por tentar explicar sua natureza, 'flora e fauna'.

> Entre fontes mais antigas, é certo que a literatura de cronistas e viajantes, desde o século XVI, ao erigir o "real-maravilhoso" como matéria prima temática de suas construções sobre a Amazônia, constituiu-se acervo considerável de elementos passíveis de serem apropriados e retraduzidos, já no século XIX, por toda a literatura ficcional, dos romantismos aos vários modernismos, a partir pelo menos de 1870 (FOOT HARDMANN, 2009, p.26).

Foot Hardmann aponta para as influências temáticas dos autores em suas construções por elementos a partir da junção do 'real-maravilhoso'. Estes elementos ao serem apropriados e posteriormente traduzidos fortalecem um *corpus* discursivo sobre a região, focalizando em suas expressões a natureza, silenciando o autóctone, sua presença histórica e cultural na região.

Falar de cultura e literatura amazônica é um desafio, por se tratar de uma cultura e literatura ainda em pleno processo de desenvolvimento, não se pode aqui definir especificamente o que é a literatura e cultura amazônica comparada a outras regiões. No entanto, compreende-se que nesta região há uma representação literária que dialoga com o meio por meio de uma cultura que envolve o cotidiano e a visão de mundo amazônico em suas múltiplas vozes.

Parte desta literatura que traduz a Amazônia segue reforçando as antigas narrativas e discursos que limitam a Amazônia em geral os discursos provindos dos primeiros viajantes, exploradores e colonizadores. Outra parte narra o que poderia ser a região antes da presença europeia, há a tentativa de

dar voz a narrativas e histórias esquecidas, extraídas a partir da *cosmovisão*[2] dos povos originários, por meio de literaturas orais.

Suáre-Araúz (1954) chama a atenção aos rótulos que são impostos à região amazônica no campo da literatura e cultura, relegando as produções literárias da região simplesmente ao campo do regionalismo. O autor defende que estas literaturas devem ser valorizadas e dignas de reconhecimento, para confirmar sua defesa, realiza um paralelo com a já reconhecida literatura andina. (SUÁREZ-ARAÚZ, 2001)

A defesa de uma expressão literária desta região é defendida por Suárez-Araúz, por se tratar de uma zona onde suas vozes se expressam por meio de obras que apresentam relatos humanizados do imaginário, motivados a partir da relação do homem com o meio em que habitam. Segundo Suárez-Araúz o ambiente amazônico

> Conduz nos escritores a intenção de documentar aspectos maravilhosos de um universo ignoto e de mitificá-lo, convertendo-o em uma projeção de desejo. Nesta literatura, o meio ambiente é uma influência dominante nos destinos dos humanos, mas mais frequentemente os fatores sociais negativos são mais dominantes. Esta visão caminha ao protesto social contra abusos cometidos pelas classes dominantes composta de mestiços e brancos (SUÁREZ ARAUZ, 2001, p. 3).

O escritor por meio de sua literatura ao tempo em que caminha no trilho do imaginário e do maravilhoso mitifica este universo desconhecido, converte tal imaginário em uma projeção de própria de desejo, narrando maiormente os fatos socioculturais negativos. A percepção negativa do escritor em sua obra remete a uma descrição da região expondo os efeitos e as mudanças abruptas sofridas por esta. Seria dizer, que inconscientemente o escritor configura um protesto social, em particular, sobre os abusos cometidos pelas classes dominantes contra as populações indígenas. Este enfoque proposto por Suárez-Araúz é facilmente reconhecido em obras que apresentam em suas narrativas conflitos e abusos das classes dominantes, podemos destacar como exemplo: *Contos Amazônicos* (1893), de Inglês de Sousa; *O paraíso Perdido* (1905), de Euclides da Cunha e; *Inferno Verde* (1908*)*, de Alberto Rangel.

[2] Modo de ver e entender mundo.

Tais faces negativas narradas pelos escritores, e possível também encontrar nestas narrativas fantasias que surgiram baseadas na lógica do novo mundo, principalmente àquelas que se perpetuaram aos dias de hoje, como por exemplo, o discurso europeu sobre a Amazônia dos séculos XVI e XVII onde se 'inventava' a Amazônia por meio dos relatos dos primeiros viajantes entre eles Gaspar de Carvajal[3], Cristóbal de Acuña[4] entre outros, os quais descreviam e explicavam aquilo que os seus olhos viam pela primeira vez. A interpretação errônea dos cronistas revelou a região à luz de sua parcialidade própria. (TODOROV, 2011)

Pode-se afirmar que *A Carta* (1500) de Pero Vaz de Caminha, primeiro texto escrito descrevendo o então *Monte Pascual* é símbolo da institucionalização que marca o início da literatura no Brasil, dentro desta mesma lógica a *Relación del descubrimiento del río grande que desde su nacimiento hasta el mar que descubrió el capitan Orellana en union 56 hombres* (1894)[5], de Frei Gaspar de Carvajal se apresenta como ponto inicial da literatura sobre a Amazônia.

Na obra, seu autor relata a exploração do atual rio amazonas desde sua nascente até o Atlântico. Carvajal descreve o 'descobrimento e conquista', ao mesmo tempo em que narra e explica os fatos à primeira vista. É preciso salientar que as literaturas de viagem, descritivas, e até então explicativas foram responsáveis por muitos conceitos e discursos errôneos que se estabeleceram na consciência de sua audiência como verdades absolutas, pois naquele momento em que se descrevia o desconhecido importava muito a visão de seus autores. Como acrescenta Auricléia das Neves:

> A literatura de viagem, diferente da ficção, tem como fio condutor o "eu" da experiência pessoal do viajante que se realiza em formas heterogêneas de escrita: diários, memórias, cartas, crônicas, ensaios, dentre outros. O emissor destas obras não se contenta apenas na descrição do que vê, mas explica e analisa fatos, interpreta ações, emite opiniões sobre o outro, especialmente sobre a terra e o homem com os quais tem contato pela primeira vez (NEVES, 2011, p.36).

[3] Relación del descubrimiento del río grande que desde su nacimiento hasta el mar que descubrió el capitan Orellana en union 56 hombres (1894).
[4] Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas (1641)
[5] Versão apresentada em Sevilha no ano de 1894 pelo chileno José Toribio Medina.

Segundo assinala a pesquisadora, o ‘emissor’ (*eu)* não se limita apenas em descrever o que vê, mas comenta, analisa, interpreta e traduz ações sobre o *outro*, com o qual se está a se encontrar por primeira vez. Deste modo, as visões baseadas em conceitos e opiniões particulares de cada autor geraram os futuros conceitos sobre região e seus habitantes. Por isso, acredita-se necessário uma revisão de seus conteúdos a partir de teorias que possam descolonizar conceitos ou preconceitos explícitos ou velados nestes textos.

A concepção da grande imensidão verde vista pelos olhos do europeu em principio à luz do renascimento, estava na tentativa de construir um paraíso baseado nos conhecimentos clássicos, greco-romano. O próprio nome “Amazônia” é referência da mitologia grega da lendária ‘tribo das amazonas’. (GONDIM, 1994). A Idea que pairava era de que ali (Amazônia) se poderia narrar a partir do nada. Ali era um lugar de recomeçar, ressignificar de modo que não importava ao europeu conhecer o que já havia, as vozes autóctones, mas explicar o que ele via, unicamente baseado uma visão parcial e elaborada com discursos culturais distantes do novo mundo que agora se apresentava. Para isso era necessário silenciar o outro, esquecê-lo.

Observa-se então, que a partir da interação do europeu com o meio são inventadas diversas ‘Amazônias’. Estas invenções não foram simplesmente uma construção espontânea e inocente, partiu da interação deste novo ocupante (o europeu) a partir de sua descrição e explicação sobre a região e seus habitantes. Este discurso desenvolvido parte de um objeto fixo do ponto de vista específico do explorador, visando a descoberta com finalidade exploratória das possíveis riquezas que se poderiam encontrar ali. Nesse sentido, o discurso de estabelece como ferramenta de domínio. Como supõe Foucault:

> Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Dentro do que escreve Foucault compreendemos que as informações registradas por cronistas e aventureiros, serviram de referentes na concepção discursiva de uma Amazônia e estava ligada a uma visão parcial, apenas do

ponto de vista e interesse do novo ocupante. Também visava impactar a audiência distante, se criava uma Amazônia impactante, que impressionava o leitor que ao ler confirmava, e reproduzia um discurso já estabelecido. A impressão que a vastidão amazônica pode causar em um primeiro contato é descrita por Euclides da Cunha da seguinte maneira:

> Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas (CUNHA, 2000, p. 123).

A definição a qual Euclides da Cunha narra no início do século XX, demonstra que a região ainda causa grande impressão em seus visitantes que a narram e a reinventam em seus mais variados aspectos: social, econômico, histórico e ambiental. Considera-se a cada uma delas particularmente como uma reinvenção a partir da tradução cultural que seus escritores fazem dela.

O discurso sobre a Amazônia se apresenta como campo para estudos que nos direciona a compreensão dentro da perspectiva sociocultural, seus aspectos mais complexos assim como rever antigos conceitos que se constituíram ao longo dos anos como verdades absolutas.

A compreensão e análise destas literaturas instigam a pesquisadores e estudiosos no que se refere a uma análise especifica da atual realidade sociocultural por meio dos mais variados temas. Esta ação interessa uma reescrita ou releitura a partir da visão do autóctone, seria isto, uma forma de descolonizar a história da região, por vezes representada por uma visão colonizadora.

Deve-se salientar, a experiência literária sobre a Amazônia, em geral, iniciada com os cronistas e viajantes a partir do século XVII, que descreviam a Amazônia promovendo os interesses e maravilhas a fim de impressionar as cortes europeias; logo seguidos pelos relatórios e descrições de expedições científicas sobre a natureza e o ambiente da região em grande parte do século XVII.

Se vê claramente que a voz do europeu se sobrepôs a amnésia histórica sobre a Amazônia, o silenciamento das vozes autóctones. As linguagens e discursos próprios desta zona antes da presença do Império Incaico e mesmo do europeu foram em grande parte perdidas.

Há muito ainda a se pensar e investigar sobre a história da Amazônia, dos nomes que a definiam antes do europeu. Muitas vozes se perderam no processo histórico que a acometeu, memórias em meio ao silencio de sua oralidade.

Nas literaturas de cronistas, viajantes e ficcionistas podemos conhecer parte dos efeitos destes processos, como por exemplo, no período da extração da borracha, em *La Voragine* (1924), de José Eustásio Rivera (1888 – 1928), que escreve os acontecimentos e os efeitos sociais advindos do período da extração do látex e em *A Selva* (1930), do português Ferreira de Castro (1898 – 1974), o autor fornece detalhes da vida e o terror que a floresta amazônica deixou em si mesmo viveu a experiência dos seringais, especificamente no seringal Paraíso às margens do Madeira.

Outro exemplo é a obra *Siringa: Memorias de un colonizador del Beni* (1946), do boliviano Juan Bautista Coimbra (1878 – 1942), que conta a epopeia da colonização do oriente amazônico boliviano enfocando principalmente a busca eminente pela aventura, riquezas, um resumo do *Eldorado*. Podemos também considerar os atuais processos de 'desenvolvimento' pelos quais a região como um todo está submetida.

A literatura produzida na Amazônia carrega elementos regionais, aborda o rio, a floresta, sua fauna, seus habitantes e os espíritos protetores envolvidos em suas mitologias por meio da literatura oral, em poesia, narrativas e contos.

Foram estas obras fundadoras da literatura na região, e por um longo tempo serviram de base para outras criações literárias sobre a região como *A Jangada: 800 léguas pelo Amazonas*, de Julio Verne, publicada originalmente em 1881, é uma obra ficcional, seu autor que nunca esteve na Amazônia se utilizou de relatos científicos para descrever a Amazônia em sua criação. O autor no capítulo em que fala sobre o rio Amazonas destaca exploradores e científicos que navegaram, para isso realiza uma pequena historiografia e também discorre sobre o rio:

> As belezas desse rio sem rival, que rega o mais belo país do globo, mantendo-se quase constantemente alguns graus abaixo da linha equatorial, convêm acrescentar uma qualidade que nem o Nilo, nem o Mississipi, nem o Livingstone, antigo Congo- Zaire - Loualaba, possuem. É que, aparte o que possam dizer os viajantes mal informados, o Amazonas corre através de toda uma parte salubre da América meridional. Sua

> bacia é constantemente varrida por ventos generosos do Oeste. (VERNE, 2003, p. 58).

Verne ao narrar sobre o Amazonas realiza relato cronológico dos exploradores do rio, demonstrando conhecer muito da região, o que mostra que o autor nunca esteve fisicamente na Amazônia se apoiou severamente nos relatos de viagens científicas aos quais teve acesso. Verne é um dos exemplos de autores que narraram a Amazônia a partir da visão de viajantes e escritores.

Há que se destacar dentro das literaturas sobre a Amazônia obras importantes para a compreensão da dinâmica literária sobre a região:

A *Muhuraida* (1875), escrita pelo português Henrique João Wilkens (1736 - 1800), é considerado o primeiro poema sobre a Amazônia brasileira, que relata a resistência do povo mura. O poema é dedicado ao recém-nomeado governador da capitania de Mato Grosso e Cuiabá, João Pereira Caldas, 'pacificador' do conflito e também 'herói' do épico poema. Abaixo um trecho do poema:

> Na densa treva, assim, da adversidade,
> Do terror, do receio e da incerteza,
> Vivia absorto o povo da cidade,
> Das vilas, do sertão, em que a fereza
> Dos bárbaros mura, sem piedade,
> Amontoando estragos, sem defesa
> Achava o vigilante e o descuidado,
> De todos sendo igual a sorte, o fado.
> Não se cansava o zelo e a piedade
> De meios procurar mais adequados
> A conversão de tal gentilidade,
> Mas sempre os lamentava então frustrados.
> Mil vezes, com o fervor da caridade,
> Das religiões os filhos, animada, (WILKENS, 1993).

Neste trecho o poeta registra de forma lírica a força e resistência do povo Mura diante dos portugueses. A ferocidade com que os indígenas atacavam e atemorizavam as vilas, deixando sua população na incerteza e em estado constante de alerta. O povo mura resistiu durante séculos aos portugueses, por esse motivo muitos deles foram dizimados pelos invasores portugueses e os que restaram foram rendidos e submetidos à fé católica.

A produção literária sobre a Amazônia se apresenta também em narrativas como os *Contos Amazônicos* (1893), de Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853 – 1918). O livro de contos explora o universo amazônico do interior paraense relacionado ao modo de pensar e as relações de poder

exercidas naquela época e espaço. O autor, tido como o introdutor do naturalismo no Brasil, explicita a relação polarizada entre opressor e do oprimido dentro do cotidiano da sociedade interiorana do Pará, e as relações sociais tanto de negociação quanto de fé gerada pelo contato com o meio amazônico e por outro lado demonstrando a influência e as mudanças oriundas da submissão da região aos contextos culturais urbanos e rurais modernos. Mas é facilmente notável a descrição não só do cotidiano, mas também a forma de pensar, e as adaptações do homem amazônico, o 'tapuio' [6], com a natureza.

Páginas Bárbaras (1914), do boliviano Jaime Mendonza (1874-1939). Apesar de pouco conhecida esta obra se elenca como uma das primeiras obras literárias que enfoca a exploração humana e da borracha na extensa região do Beni, na Amazônia boliviana. Destacamos tal obra por ela estar ambientada na Amazônia boliviana, e por motivo da pesquisa deste trabalho a partir de obras literárias desta zona. Esta obra dentro da literatura boliviana antecede muitas outras obras literárias sobre o tema da Amazônia, dentre as quais me deterei mais adiante.

Sobre a Amazônia colombiana surge *La Vorágine* (1924), de José Eustáquio Rivera (1888 – 1939). A obra mais célebre deste autor evoca o período da *epopeia caucheira* colombiana, mostrando o enfretamento do homem ao cotidiano da natureza hostil e também da ameaça humana promovida pelo grande deslocamento social na Amazônia colombiana, onde o "homem é muitas vezes sucumbido pela natureza".

A Selva (1930), de Ferreira de Castro (1898 – 1974), que por meio da personagem Alberto, jovem português que é enviado à casa de um parente no Brasil, e de lá é enviado a um seringal às margens do Rio Madeira, onde experimenta a vida de seringueiro. Uma visão biográfica do autor que denomina sua experiência como aterrorizante nos seringais da Amazônia na apresentação da edição de 50 anos da obra. O autor viveu os tormentos de uma assustadora e aterrorizante natureza. Seria, segundo Castro, a experiência do homem que só não foi sucumbido por ela por ter conseguido fugir do "inferno verde".

[6] Mestiço ou índio amazônico do período colonial.

Apesar de *La vorágine* (1924) de Rivera ter sido publicada antes de *A Selva* (1930) pode-se observar que se distinguem, a partir de seus autores, pois ambas as obras apresentam as visões aterrorizantes sobre a Amazônia do período da borracha, tal distinção se dá justamente na experiência de escrita da obra. Ferreira de Castro baseou grande parte de sua obra em sua própria experiência e memória pessoal enquanto seringueiro na Amazônia brasileira. Rivera se utiliza como base suas experiências em comissões para conhecimento da região e pesquisas sobre o período *caucheiro* na Amazônia colombiana, seria dizer que a experiência de Castro se mostra mais evidenciada na realidade, claro que isto não desmerece nenhuma das obras, apenas nos mostram visões de duas Amazônias literárias em lugares geográficos distintos.

A literatura sobre a Amazônia ainda é um fluxo crescente, os autores por meio de suas literaturas reinventam a região por diversos prismas culturais, influenciados pela experiência cultural da região e claramente determinados por suas próprias experiências culturais.

Algumas literaturas são discursos que se repetem, outras, no entanto, enveredam por reescrever ou retraduzir por meio da narrativa o *silenciamento* por meio de uma nova desconstrução da Amazônia. Esta postura literária rompe velhos discursos que se enraizaram e ditaram por um longo período o que seria a Amazônia.

As obras de Rivera, Castro e Mendonza citadas anteriormente descrevem um momento particular da história da Amazônia trazem em seus textos marcas representativas do período da borracha, que marca um período considerável dentro história da Amazônia. Marca também grandes mudanças na dinâmica cultural e literária. Segundo Pizarro este período se denomina como o ‘discurso da borracha’:

> Definidor da história da amazônica, tem na realidade várias vozes. É um discurso que se constrói em movimento e em oposições, no marco de situações aleatórias que o tornam complexo e o fazem obscuro, como as diferenças geopolíticas e as delimitações de fronteiras entre os países da região do seringal: Brasil, Colômbia, Peru e Bolívia (PIZARRO, 2012, p. 123).

Segundo a escritora, é um discurso em três vozes. Este discurso se movimenta a partir de oposições também dentro do campo da literatura e que

atua também na oralidade, se apresentam como objetos de investigação que devem e podem nos revelar novas possibilidades de compreensão para este período da história amazônica.

Os discursos sobre a Amazônia, apenas exemplificam as possibilidades de leituras das quais se podem utilizar na compreensão do espaço cultural e histórico. A dinâmica da selva e o rio por meio do seu contato do homem se apresentam na literatura em diversas formas, por exemplo, a poética das águas (LOUREIRO, 1994). Estética formada a partir da leitura da relação homem e rio. Mas a leitura de uma Amazônia se faz também uma leitura da América Latina.

A natureza latino-americana inspirou a muitas representações literárias. Mas tais representações se apresentaram tão opostas em sentido dicotômico e polarizado. Ao mesmo tempo o que se via o belo vinha acompanhado do oposto. Para Fernando Aínsa: "*não há espaço na natureza latino-americana que tenha suscitado representações literárias tão opostas como a selva*" (AÍNSA, 2005, p 57). Nesse sentido, a Amazônia como coração da América latina está como plano de fundo dentro destas representações literárias, mais precisamente explora as contradições inseridas dentro destas literaturas. Aínsa aborda ainda sobre as representações literárias a partir da Amazônia, mais precisamente relacionadas às inspirações a partir dos anos 20 do século passado:

> Nesse vasto território que o ocupa o coração da América do Sul – cujo arco geográfico vai desde a Guiana e Venezuela até a Argentina, passando pela vertente amazônica de Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Paraguai, que no Brasil se oficia como centro – foram criados, mediante a apropriação estética da natureza virgem, um espaço compartilhado que proporcionou uma significativa paisagem literária. A chamada 'novela da terra' consagrada nos anos vinte, ainda que em realidade o telurismo[7] tenha sido inaugurado pelos cronistas e poetas do período colonial, é exaltado pelo romantismo e a ficção contemporânea o transforma em paradigma do nunca resolvido conflito latino-americano entre tradição e modernidade. O resultado é um autêntico subgênero temático: as novelas da selva (AÍNSA, 2005, p.57.58).

A partir de uma apropriação estética da natureza virgem, consagrada nos anos vinte e que absorve a influência da paisagem no homem surgindo

[7] Geograficamente é a influência da terra em seus habitantes.

primeiramente a partir dos cronistas do período colonial tem como resultante a criação de uma significativa paisagem literária. Exaltado pelo romantismo e pela ficção contemporânea.

Deste modo, segundo Aínsa, tal telurismo e paisagem literária se transformam em um paradigma não resolvido entre a tradição e a modernidade, tendo como resultante disto um autêntico subgênero temático: as novelas da selva.

Tal subgênero prevalece apoiado na influência da paisagem sobre o escritor, agregando a isto a não resolução do paradigma assinalado por Aínsa, entre a tradição e a modernidade. Tal visão está embasada a partir da leitura do espaço na literatura isso também nos é apontado por Suárez-Araúz quando escreve que:

> Inevitavelmente a literatura da região amazônica boliviana, em uma intricada intertextualidade reitera temas e estilos das tradições literárias de outras regiões da bacia amazônica. Em prosa inclui especialmente temas e motivos similares aos da chamada 'novela de la selva', categoria na qual se incluem autores tais como o colombiano José Eustasio Rivera, o equatoriano Juan León Mera, o venezuelano Rómulo Gallegos, e o brasileiro Alberto Rangel (SUÁREZ ARAÚZ, 2014, p.4).

O autor utiliza como exemplo a literatura amazônica boliviana, afirma que de forma inevitável tal literatura reitera de estilos e temas da tradição literária de outras regiões da Amazônia. Observa-se deste modo, que a representação literária caminha dentro da característica intertextual do imaginário da terra.

A literatura da selva, como já mencionada aqui é acompanhada por uma série de literaturas que exploram este contexto de polarização e aproximações dentro de um imaginário que explora as nuances e percepções que emanam deste ambiente, neste caso a Amazônia. Ainda mais sobre a literatura na Amazônia podemos destacar ao escritor e poeta peruano Cesar Calvo (1940 – 2000) autor da novela *Las Tres Mitades de Ino Moxo* (1981), novela sobre o xamanismo na Amazônia peruana. Inspirado no contexto da selva o autor também escreveu obras de poesia entre elas *Poemas bajo la tierra* (1960) e *Pedestal para Nadie* (2000).

Ainda na poesia damos destaques para o poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro (1939) que desenvolveu uma estética literária própria e mantém

amplo trabalho dentro do encantamento e ser amazônico dentro de uma "estética amazônica". Dentre sua obra poética destacamos *Enchente Amazônica* (1976) e *Porantin* (1979).

Citamos aqui também ao poeta Thiago de Mello (1926), com grande produção. Mello é um poeta amazônico que maneja de maneira especial relações poéticas com outros poetas da América latina. Entre suas obras destacamos *Os estatutos do homem* (1964) e *Mormaço na floresta* (1984).

Thiago de Mello trata a Amazônia sem perder os sentidos universais que unem o homem e a natureza, como declara em sua poesia *Como um Rio,* do livro *Mormaço na Floresta* (1984), no qual escreve: "*Ser capaz, como um rio / que leva sozinho/ uma canoa que se cansa/ de servir de caminho/ para a esperança. / É de levar do límpido/ a mágoa da mancha, / como o rio que lava/ e lava"* (MELLO, 1984).

O rio, símbolo constante dentro da Amazônia, é aqui referente comum para outras culturas ao redor do mundo. Ele leva a esperança, leva também o homem, seus sentimentos. O rio, é também o próprio homem. Desta forma a poesia de Mello dialoga com outros campos e lugares, ao mesmo tempo transcende e possibilita ao 'ser', movimentar-se em busca da esperança. Faz parte do cotidiano de quem é parte importante neste movimento poético.

Ainda no campo da poesia na Amazônia boliviana destacamos aqui a dois poetas contemporâneos: Homero Carvalho Oliva (1957), e Nicomedes Suárez-Araúz (1946). Estes dois poetas atualmente vivem na cidade de Santa Cruz de La Sierra, mas ambos são nascidos na cidade de Santa Ana del Yacuma, Departamento do Beni (Amazônia boliviana).

Homero Carvalho Oliva é autor de contos e poesia. Entre sua obra poética se destacam *Los reinos dorados* (2007) e *El cazador de sueños* (2010), nestes livros Carvalho demonstra estreita relação com a poética amazônica, rememora as populações da selva, reescreve a realidade ancestral e remete sentidos ao início da vida na região, explorando a realidade e a espiritualidade do reino de *Mojos*.

Nicomedes Suárez Araúz tem ampla obra de poesia entre elas mencionamos aqui *El poema América* (1971) e *Recetario amazónico de Dios* (2002). Suárez-Araúz é ensaísta, artista plástico e doutor em literatura comparada pela *Ohio University* e durante os anos de 1998 a 2002 realizou

amplo trabalho dirigindo a *Amazonian Literary Review,* revista especializada em literatura e cultura amazônica divulgando poetas e escritores amazônicos em língua inglesa.

A partir desta pequena mostra de literatura sobre a Amazônia, nos interessa abordar sobre a literatura na região amazônica boliviana, a fim de localizar este espaço amazônico, do qual se analisará algumas de suas obras.

Para falarmos especificamente oriente boliviano, devemos falar também, de forma introdutória sobre a cultura e literatura boliviana e principalmente de sua relação com a América Latina.

1.2 O oriente boliviano e a Hispano américa

> *Qué buen idioma el mío, qué buena lengua heredamos de los conquistadores torvos...*
> Pablo Neruda

A grande maioria dos países que compõem a América hispânica nutre diversos referentes comuns oriundos da colonização espanhola. Observa-se a partir daí a grande influência cultural que mesclada com as culturas locais se tornaram ricas como se pode evidenciar na música, na literatura e nas artes em geral.

Como herança "positiva" da colonização espanhola na América latina, como legado está como define o poeta Pablo Neruda em seu poema *Que buen idioma el mío,* algo precioso. Esta preciosidade que declara Neruda é a palavra, a língua, o idioma.

> Pero a los bárbaros se les caían de las botas, de las barbas, de los yelmos, de las herraduras, como piedrecitas, las palabras luminosas que se quedaron aquí resplandecientes... el idioma. Salimos perdiendo... Salimos ganando... se llevaron el oro y nos dejaron el oro... se lo llevaron todo y nos dejaron todo... nos dejaron las palabras[8] (NERUDA, 1974, p.28).

Nesse sentido, é a língua castelhana[9] elemento unificador. É a língua que une todo um conjunto de regiões colonizadas pelos espanhóis, e é por meio desta mesma língua que surgiram as obras literárias que compõem parte

---

[8] Mas aos bárbaros lhes caiam das botas, das barbas, dos elmos, das ferraduras, como pedrinhas, as palavras luminosas que ficaram aqui... o idioma. Saímos perdendo… Saímos ganhando… Levaram o ouro e nos deixaram o ouro… Levaram tudo e nos deixaram tudo… deixaram-nos as palavras.

[9] Outro nome dado a Língua Espanhola, muito comumente usada na América Hispana.

de todo um conjunto literário, tal conjunto que emancipou a literatura hispano-americana como fonte inesgotável, formando uma rica e densa literatura. Esta literatura não depende de um contexto regional em si como sustenta Octavio em seu ensaio *Unidad, modernidad, tradición* (1994). Segundo ele, no âmbito da literatura as obras literárias hispano-americanas não são o resultado de uma geografia nem da história política, mas está relacionada com a ordem criativa do autor, e muito mais propriamente com sua linguagem.

Nesse sentido, para Paz a ordem criativa e a linguagem do autor são os elementos que definem sua literatura e não simplificadamente o lugar onde nasceu. A literatura hispano-americana expande-se em um conjunto literário que ultrapassa as fronteiras. De mesmo modo por meio tanto do idioma quanto desta linguagem, de algum modo *hermana* este conjunto literário latino-americano.

Dentro desta signa, se encontra a literatura boliviana e dentro dela a literatura conhecida em território boliviano como “Literatura beniana”, espaço literário que emana sua própria literatura em língua castelhana, como veremos adiante algumas obras desse espaço não só geográfico e literário, mas que como definiu Paz também se relaciona a ação criativa de seus autores e suas linguagens, contribuem assim para a literatura hispano-americana.

O oriente boliviano é composto por três departamentos bolivianos: Pando, Beni e Santa Cruz. Nesta região é predominante a selva, a Amazônia. Esta região é habitada por diferentes povos originários que pertencem a diferentes troncos linguísticos, que matem seus significados e imaginários.

Também é a região que deu lugar ao ‘país das águas’, a Moxitânia. Concentram em seu território rios, culturas carregadas de mitologias. É o lugar onde se encontra mais marcante a ‘epopeia da borracha’ e é o berço de civilizações milenares, que tiveram seu ápice muitos antes dos Incas e espanhóis (CARVALHO, 2007).

Desta forma, se apresenta este espaço geográfico como parte da Amazônia, um lugar que se inclui dentro da literatura e cultura amazônica, não necessariamente por sua localização, mas sim, pela linguagem e o aspecto criativo de seus escritores.

1.3 Amazônia e o oriente boliviano

Pretende-se aqui situar o oriente boliviano, como um lugar distinto e a um só tempo integrante de uma região que se iguala a rigor, na 'experiência amazônica', a outros lugares amazônicos como a região brasileira, a peruana, a colombiana, enfim.

Contrário ao que ocorre na região brasileira (por sua localização dentro do território brasileiro, é chamada de Amazônia ocidental) a Amazônia boliviana concentra grande parte de seu bioma na parte oriental de Bolívia, referenciada na literatura boliviana também como oriente boliviano.

Os processos históricos de colonização, os mitos recorrentes do movimento humano e sua adaptação ao ambiente: se intensificam por meio dos escritos que abordam temas referentes aos rios, a floresta, a colonização e o hibridismo cultural e se apresentam nesta região de forma muito similar a outras regiões da Amazônia.

O processo histórico da região do oriente boliviano, mais precisamente a região que compete ao Beni é muito mais antiga, como provam alguns estudos arqueológicos. Nesta parte da Amazônia existia uma sociedade conhecidamente desenvolvida, pelos vestígios de sua engenharia hidráulica. Estudiosos apontam que sua população era formada por um modelo similar a uma confederação de nações multiétnicas que mantinham relações em comum. Esta sociedade ficou mais conhecida como Mojos ou Moxos, que por ser composta de muitas nações e distintas línguas possuía também diferentes nomes que a designavam: *Eldorado*, *Mojos*, *Candire*, *Paititi*, *Enín*. Todos estes nomes eram usados por castelhanos, quéchuas e guaranis nomeavam a nação que se estendia entre o rio Maniqui e o rio Iténez, cuja fama havia cruzado o atlântico para fascinar a servos e senhores do antigo continente. Era uma sociedade avançada, que antigo certo apogeu e declínio, mais sobre seu aspecto político e ideológico Barba escreve

> Sobre su estructura política poco se ha dicho. Se han hecho consideraciones sobre las condiciones necesarias para que una sociedad construya obras de ingeniería colosales: hablamos de ahorro e inversión a largo plazo. En este sentido, encontramos dos grandes corrientes de interpretación: la de quienes sostienen que estas obras "agrícolas y piscícolas" fueron construidas a fuerza de latigazos y con jerarquías marcadas, y por otro lado, la de quienes opinan que estructuras

> familiares y de orden cooperativo fueron capaces de forjar una sociedad técnicamente muy compleja y eficiente. De una u otra manera, eran capaces de defenderse, construir y gestionar las obras agrícolas. En cuanto al factor ideológico, se discute si hubo tal desarrollo que diese fruto a una religión compleja con sus representantes y respectivos[10] (BARBA et al. p. 103 – 104).

Apesar dos avanços desta cultura sabemos que muito dela se perdeu antes mesmo da presença dos 'conquistadores' espanhóis. Os remanescentes desta sociedade se viram confrontados pela fé católica, levando muitos indígenas a conciliarem a nova fé com a antiga, formando assim um sincretismo que até hoje se observa nas cidades do departamento do Beni. Antes, as crenças das populações estavam diretamente ligadas à natureza, ao *jaguar*, às deidades vinculadas à selva e aos rios. O oriente boliviano é uma região que possui grande parte da bacia amazônica e destacam-se nesta região os rios Mamoré, Guaporé/Iténez e o Madeira. O Rio Madeira nasce em território boliviano para depois percorrer a Amazônia brasileira até desembocar no rio Amazonas.

Um pouco além do plano físico desta região, segundo o poeta boliviano Homero Carvalho: "*existe entonces en la Amazonía un carácter disitinto de mirar, de sentir, de nominar, de soñar y de poetizar el mundo exterior y el interior*[11]." (CARVALHO, 2013, p. 27). O poeta refere-se a um diálogo especial e poético que as populações deste lugar mantêm com o ambiente onde, em termos poéticos, se transcendem as particularidades sociais. Segundo Carvalho, há claramente uma cultura, que caminha em harmonia com o meio, tal característica muito provavelmente herdada das comunidades tradicionais anteriores aos invasores e, também por uma necessidade específica de adaptação ao meio, em síntese uma cultura amazônica.

Tal perspectiva se configura aqui dentro do que nos apresenta Loureiro quando define a cultura amazônica como: "*uma cultura de profundas relações*

---

[10] Sobre sua estrutura política pouco se tem. Foram feitas considerações sobre as condições necessárias para que uma sociedade construísse obras de engenharia colossais: falamos de poupar e investir em longo prazo. Neste sentido, encontramos duas grandes correntes de interpretação: a dos que sustentam que estas obras 'agrícolas e piscícolas' foram construídas a força de açoites e com hierarquias definidas, por outro lado, a quem opine que estruturas familiares e de ordem cooperativa foram capazes de forjar uma sociedade tecnicamente complexa e eficiente. De uma ou outra maneira, eram capazes de se defender, construir e gerir as obras agrícolas. Quanto ao fator ideológico, se discute se houve tal desenvolvimento que desse fruto a uma religião complexa com seus representantes e respectivos.

[11] Existe então na Amazônia um caráter diferente de olhar, de sentir, de nomear, de sonhar e de poetiza o mundo interior e o exterior.

com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou poeticamente, o imaginário (...) destes indivíduos isolados" (LOUREIRO, 1994, p. 26). O escritor expressa, que a cultura amazônica está dentro de um componente de relações que se estabeleceram na região ao longo dos anos com base no isolamento da região uma cultura dissonante em relação aos cânones urbanos.

A lógica expressa por Carvalho e consubstanciada por Loureiro se aplica ao oriente boliviano como um lugar onde as práticas culturais se confundem como em toda Amazônia, mas também remonta a uma interação muito mais antiga no sentido de uma construção social harmônica com o meio.

As sociedades que habitavam a região de *Mojos* (oriente boliviano) eram sociedades multilíngues, politicamente descentralizadas e sem estados, mas isso não significa que esta sociedade era desorganizada. (BIORD, 2005). Segundo De Obrigny, os *mojos* seriam a tribo principal, mas nesta sociedade havia diálogo com as outras etnias.

1.4 Amazônia e modernidade na literatura beniana

Foram muitas as transformações culturais em fins do século XVIII e inícios do século XIX. Por exemplo, o ciclo da borracha na Amazônia, que promoveu a urbanização e a modernização: a ferrovia, o teatro e a *belle époque*. É fato que estas transformações afetaram o cotidiano promovendo transformações sociais, mudanças nas culturas e também no âmbito da consciência.

Amazônia tem sido o berço cultural onde o moderno sempre esteve presente, interagindo dentro de suas camadas culturais e ao mesmo tempo resistindo à experiência moderna (SOUZA, 2002). O espaço amazônico, mesmo fazendo parte do contexto latino-americano, permaneceu desconsiderado nas investigações relacionadas à cultura latino-americana, como observa a pesquisadora chilena Ana Pizarro, para a escritora a Amazônia trata-se de uma área que é vista como a mais distante do desenvolvimento, apesar de ter sido uma das primeiras da América latina a se modernizar (PIZARRO, 2012).

Nesta polvorosa reação às mudanças em que a Amazônia esteve submetida e às tentativas da modernidade por meio da urbanização, a

exemplos da Manaus e Iquitos e mesmo ao povoado de Cachuela Esperanza no início do século XX, neste espaço de complexas culturas e organizações sociais, as culturas e sociedades começaram a traçar caminhos culturais favorecidos pela fragmentação da modernidade.

Na literatura este reflexo se mostra nas narrativas ao descrever os processos históricos e culturais que elogiam o caráter aventureiro e corajoso com que o homem enfrenta a natureza naquela região.

Os primeiros efeitos dos projetos da modernidade na região afetam inicialmente a paisagem e não é difícil percebermos tais referentes modificadores dentro do contexto social e cultural amazônico. Mas estas mudanças ocorridas dentro desta região, podem não se apresentar na literatura. Esta literatura não pode ser compreendida e tão somente geografada de forma a determinar a procedência do autor. Apesar de nos ocuparmos da literatura da região do Beni, não é a nossa intenção regionalizá-la, mas informar que esta literatura está inserida dentro do contexto hispano-americano seja pela língua que as une ou pela linguagem peculiar de cada autor. Segundo Paz:

> Cada nación posee un carácter, una índole y un talante, es decir, una suma de disposiciones y de limitaciones. Creo que estas cualidades son variables y que cambian sin cesar, como la historia misma. Creo, por último, que la literatura refleja, tanto o más que el carácter de las naciones, el de cada escritor. Lo que cuenta no es su pasaporte sino su visión del mundo y su lenguaje[12] (PAZ, 1994, p.15).

A experiência literária na região, não está restrita pelo local de nascimento de cada autor, mas importa também, como salienta Paz, sua visão de mundo e sua linguagem. Entende-se também que referentes de seu lugar e de sua experiência com o ambiente influenciam de alguma forma nesta visão de mundo dos autores e sua narrativa, mais propriamente em sua linguagem literária.

Os autores benianos Luciano Durán Böger (1904-1996) e Homero Carvalho (1957) são escritores nascidos no oriente boliviano, ambos os autores tem seu berço natal na cidade de Santa Ana del Yacuma – como escreve

[12] Cada nação possui um caráter, uma índole, um modo, é dizer, um conjunto de disposições e de limitações. Creio que estas qualidades são variáveis e que mudam sem cessar, como a própria história. Acredito que a literatura reflete, tanto ou mais que o caráter das nações, o de cada escritor. O que conta não é seu passaporte, mas sua visão de mundo e sua linguagem.

Carvalho: *Yacuma el río, Ana la mujer*[13]. Em suas obras os escritores descrevem a *cosmovisão* local, cada um utilizando linguagens distintas para desenvolverem suas narrativas e poéticas emanadas da mesma região. Ambos os escritores se destacaram dentro da literatura boliviana.

Mas suas obras apesar de abordar as relações com o ambiente amazônico, vão além, como é o caso da novela *Inundación* (1965), de Luciano Böger. Nela ele acrescenta como subtítulo: *una novela para um continente em lucha*.

Em *Inundación* Böger aborda a luta pela sobrevivência em meio a um ambiente hostil, o escritor comparte por meio de sua linguagem e sua experiência cultural não se detendo em um regionalismo exacerbado, mas intenciona representar as relações sociais que faziam sombra àquela sociedade, se expressa bem mais como um reflexo das reações sociais da América latina daquele período. A obra se encaminha como contestação, uma obra de protesto social. Sobre *Inundación*, Edna Coll escreve:

> Es un relato vigoroso, complejo narrado en dos partes. En la primera se escribe los horrores y consecuencias de una inundación, y la lucha heroica de los habitantes del Beni por sobrevivir. La segunda parte, que se titula *Limonjique,* es una novela dentro de la novela escrita por un protagonista de la primera parte. El río, implacable, determina el destino de quien vive en sus márgenes. Los personajes *semisalvajes* son víctimas del patrón y del río[14] (COLL, 1994, p.56).

Nesta pequena sinopse sobre a novela, Coll nos apresenta a visão de Böger na tentativa da representatividade do cotidiano de luta do homem subjugado às forças da natureza e preso às relações de trabalho desumano na região. Tais gestos se veem a partir da visão política de esquerda do autor e também em sua linguagem literária marcada por sua análise do cotidiano a qual o homem estava subjugado na Amazônia boliviana.

Los reinos dorados (2007), de Homero Carvalho nos apresenta uma construção épica da história cultural da região, perpassando o ambiente e harmonizando o poético com o espiritual. Carvalho toma uso das múltiplas

---

[13] *Yacuma* o rio, Ana a mulher.

[14] É um relato vigoroso, complexo narrado em duas partes. Na primeira se escreve os horrores e consequências de uma inundação, e a luta heroica dos habitantes para sobreviver. A segunda parte, intitulada Limonjique, é uma novela dentro da novela escrita por um protagonista da primeira parte. O rio, implacável, determina o destino de quem vive em suas margens. Os personagens ‘semisselvagens’ são vítimas do patrão e do rio.

mitologias que permeiam a região acrescentando a elas as características históricas do Beni (Mojos).

O poeta evoca por meio do tempo histórico os processos de colonização da região, anteriores aos Incas; a ascensão e queda da cultura milenar das águas, das Culturas hidráulicas, ruínas presentes ainda visíveis por meio dos grandes terraços que ainda se podem ver na região, atualmente fonte de diversos estudos arqueológicos.

A obra é a um só tempo poética e histórica, um documento de conhecimento da história cultural da região do Beni, buscando recontar a história por um prisma cultural por meio de lendas e literaturas orais, documentos do período de colonização dos incas e espanhóis. Descreve sua linguagem poética tendo a natureza como determinante do *modus-vivendi* das sociedades e culturas anteriores ao colonizador Inca, onde a dinâmica cultural está em contato constante com o espiritual. O poeta descreve ainda o *Eldorado* nunca encontrado pelo colonizador espanhol, e as consequências que a região sofreu por este mito até os dias atuais:

> A los conquistadores/ no les alcanzó el oro/ ni la quina/ ni el copal/ ni el caucho/ como tampoco ahora/ les alcanzarán la madera/ la castaña ni el petróleo/ porque tienen que llenar el vacío/ que dejaron sus espíritus/ cuando la codicia los perdió[15] (CARVALHO, 2007, p. 71).

As obras e os autores citados acima são uma mostra da literatura produzida dentro do contexto literário amazônico. Elas descrevem uma faceta do real, do plano sociocultural boliviano na perspectiva do espaço amazônico, mas novamente importa salientar, que não se está aqui restringindo estas obras a um plano regional, mas, contrário a isso, se objetiva aqui trazer estas obras a um contexto maior, relacioná-las com outras obras que dialogam com o cotidiano social e cultural hispano-americano. Neste aspecto, acredita-se que esta literatura possui um tom moderno e distinto uma vez que:

> O moderno não é caracterizado unicamente por sua novidade, mas por sua heterogeneidade. Tradição heterogénea ou do heterogéneo, a modernidade está condenada à pluralidade: a antiga tradição era sempre a mesma, a moderna é sempre diferente (PAZ, 1974, p. 18).

[15] Aos conquistadores/ não lhes satisfez o ouro/ nem a quina/ nem o copal/ nem a borracha/ como também agora/ lhes satisfarão a madeira/ a castanha nem o petróleo/ porque eles têm que encher o vazio/ que deixaram seus espíritos/ quando a cobiça os fez perder-se.

A literatura beniana, não seria algo apenas caracterizado pela tradição pois reflete elementos das mudanças e contextos que em consonância recria o processo cultural a partir da visão de mundo de seus autores, confrontando as mudanças provocadas pelo novo, mas também com reescritas do antigo.

SEÇÂO 2 – INTERLOCUÇÕES DA LITERATURA AMAZÔNICA BOLIVIANA

Cuando la noche sacudió sus alas y la luz te despertó
en tus ojos se miraron la selva antes de ser selva y el río
cuando no era más que una gota suspendida en el aire.
Moxitania, Pedro Shimose

2.1 uma 'Literatura amazônica' em um país andino

O título deste tópico está fortemente relacionado a partir do ensaio intitulado *¿Existe una literatura amazónica boliviana?,* de Nicomedes Suárez Araúz (2014), do professor Dr. Nicomedes Suárez Araúz (1954), que entre os anos 1998 e 2000 atuou como editor da revista *Amazonian Literary Review,* uma das primeiras a traduzir autores da região amazônica para a língua inglesa.

O ensaio faz parte da experiência acadêmica do autor e de longas pesquisas sobre a literatura e cultura na região que engloba a bacia Amazônia.

O autor discute neste ensaio as possibilidades literárias e a polêmica em torno do conceito de existência de uma 'literatura amazônica boliviana'.

A qualificação de uma literatura Amazônica, segundo Suárez Araúz, se configura a toda uma literatura regional e está intimamente associada ao conceito de identidade de uma *geocultura* específica. No caso boliviano, identificada com a cultura Amazônica.

O estranhamento do signo 'amazônico' como determinante ao escritor, é visto como um selo que relega sua literatura ao regional, o que gera certo motivo de desconsideração por parte de muitos receptores e mesmo pelo mercado editorial o que, para o autor deveria ser uma marca literária se torna para ele uma forma de limitação. Em tese relegaria estes autores tão somente à qualidade de 'escritores regionais'. Para Suárez Araúz,

> Esta actitud es comprensible. Nace de una tradicional clasificación de la literatura amazónica como parte de la llamada 'literatura del oriente' o 'literatura del trópico'. Es obvio que dichos rótulos son imprecisos, ya que el primero indica meramente una orientación geográfica, mientras que el segundo, señala una climatología o ecología. Ambos comprenden tan sólo parcialmente la noción de una geocultura (SUÁREZ ARAÚZ, 2014).

Esta defesa do autor se faz contrária em relação a não valorização de um conceito cultural amazônico, dentro do país onde a maior parte dos conceitos culturais está intimamente relacionado ao andino: no político e principalmente nos âmbitos da literatura, música e artes.

A clareza disto, é que na visão externa sobre Bolívia é notoriamente constante a presença de imagens que remetem ao altiplano, focando apenas nesta cultura como representativa de uma totalidade, neste caso relegado a uma visão andino-centrista. Suárez-Araúz defende o fortalecimento do “ser amazônico”, e utiliza o argumento base de que esta região cultural compreende 60% do território boliviano.

Para ele, o ‘ser amazônico’ não corresponde simplesmente ao fato de haver-se ou não nascido na Amazônia, mas significa a auto identificação, mais ainda, significa afrontar o vazio histórico da região, a amnésia coletiva a qual todos foram fabulados (SUÁREZ-ARAÚZ, 2014).

O processo da literatura amazônica boliviana é classificado pelo autor em três categorias principais. Seriam elas: I - os textos da ‘literatura oral autóctone’; II - a ‘escritura sincrética em castelhano’ criada por autores oriundos da Amazônia; III - a ‘literatura em castelhano escrita por estrangeiros’, incluindo os primeiros cronistas, exploradores e, seguido por escritores excursionistas bolivianos e estrangeiros. Esta definição realizada pelo escritor se faz entender e ser estendida para toda Amazônia. Para uma visão do processo da literatura amazônica boliviana é necessário que se compreendam as três categorias indicadas pelo autor, mas neste processo se deve ter um olhar especial para a literatura oral, segundo o escritor “sem ela temos apenas uma visão parcial da literatura amazônica (SUÁREZ-ARAÚZ, 2014). A literatura sobre a Amazônia boliviana se expressa com importantes obras sobre o período da borracha a partir do início

Para situarmos nossa visão da literatura na Amazônia boliviana façamos um caminho por alguns títulos e narrativas que abordam as relações com o período da borracha na Amazônia boliviana, obras que exploram no contexto amazônico, as relações sociais e muito claramente as adversidades, aventuras e desventuras dos personagens que adentraram neste ambiente desconhecido e promissor.

Jaime Mendonza enfocou em *Paginas Barbaras* (1914) a exploração humana e da borracha na extensa Amazônia do Beni. Diomedes Pereyra seguiu no mesmo sentido com o *El valle del Sol* (1935), *Caucho* e *La trama de oro* (1938). Raul Botelho Gonsalvez seguindo o caminho de *La vorágine*, do colombiano Rivera, escreveu *Borrachera Verde* (1938). Juan Bautista Coimbra escreveu *Siringa: Memorias de um colonizador del Beni* (1946) e, posteriormente Luciano Durán Böger suas novelas *Sequía* (1960), *Inundación* (1965) e *En las Tierras de Enín* (1967) (OPORTO ORDÓÑEZ, 2004).

As obras acima se referem propriamente a primeira metade do século XX, expressam a dinâmica regional e geográfica a partir da experiencia cultural de seus autores envolvidos com a temática das relações sociais em meio a selva. Esta literatura amazônica ainda estar por se escrever e sua crítica ainda por se realizar.

A literatura no caso boliviano e nos países de fala castelhana, (Peru, Colômbia, Equador e Venezuela) que fazem parte da bacia amazônica, a história de sua literatura amazônica foi marginalizada e relegada ao esquecimento. (SUÁREZ ARAÚZ, 2014).

Nesse sentido, surge a importância de um olhar mais apurado sobre esta expressão literária amazônica, a fim de uma crítica que possa maturar tal literatura, e não apenas isso, mas divulgar e conhecer literaturas tanto em língua português, castelhana, em línguas indígenas e orais a fim estudar, analisar e assim conhecer as culturas amazônicas a partir de cada uma delas.

2.2 Alguns apontamentos à literatura beniana

O historiador boliviano Alcides Parejas escreveu no prefácio de *Narrativas del trópico boliviano* (2004), de Keith Richards, afirma que a busca de uma expressão literária própria da zona oriental boliviana passou por um longo processo em que esta literatura era vista externamente como uma região desprovida de cultura. Em sintese, as principais antologias bolivianas estavam restritas apenas a autores andinos e não contemplavam aos autores do oriente boliviano (PAREJAS, 2004). Parejas, afirma ainda, que até a metade do século XX o oriente boliviano historicamente ficou renegado ao ocultamento não só dentro da historiografia do país, mas em todos os campos, incluindo as

produções literárias, artísticas e musicais que, segundo ele, foram sistematicamente marginalizadas e condenadas à vida provinciana não por falta de qualidade e merecimento, mas por simplesmente fecharem a porta a esta cultura (PAREJAS, 2004).

La historia de la literatura boliviana (1942), de Enrique Finot, compilação de ensaios sobre literatura boliviana, o autor se detém apenas a autores de origem andina. Trinta e nove anos depois, ela foi reeditada sem mencionar a autores do oriente boliviano.

Em o *Índice de la poesia boliviana contemporánea* (1964), de Juán Quirós García estão destacados apenas dois poetas benianos: Luciano Durán Böger e Pedro Shimose.

O escritor Elias Blanco Mamani (1962), registrou as produções de autores bolivianos em *Enciclopedia Gesta de Autores de la literatura Boliviana* (2005), o autor dá destaque a vários escritores do oriente boliviano destacando algumas das produções literárias do oriente boliviano.

O poeta beniano Homero Carvalho Oliva destaca no prefácio do livro *Los tres cielos* (2013) a amplitude e influência literária do oriente boliviano:

> En este espacio socio-geográfico se encuentran los departamentos de Beni y Pando en su integridad; así como una buena porción de Santa Cruz; sin embargo el imaginario literario cruceño está marcado por lo amazónico como se puede apreciar en la poesía de Raúl Otero Reiche, el gran poeta de la selva, cuya poesía es sugestiva y evocadora del mundo amazónico[16] (CARVALHO, 2013, p. 08).

Raul Otero Reiche nascido em Santa Cruz foi um dos poetas bolivianos que mais escreveu e poetizou sobre o cotidiano e história da parte amazônica de Bolívia, sua obra foi reunida no livro que leva um dos títulos de seus poemas *Cantos del hombre y la Selva* (1991).

A antologia *Perfil de la poesía beniana* (1974), de Cesar Chávez Taborga (1924 – 2011) ensaísta e escritor beniano reúne os principais poetas benianos e parte de suas produções realizadas no departamento do Beni desde sua fundação em 1842 até a data da primeira edição do livro que se confirmou como a primeira antologia que, segundo seu antologador,

[16] Neste espaço sócio geográfico em que se encontram os departamentos do Beni e de Pando em sua integridade: assim como uma boa porção de Santa Cruz. Entretanto, o imaginário literário crucenho está marcado pelo amazônico, como se pode apreciar na obra de Raúl Otero Reiche, o grande poeta da selva, cuja poesia é sugestiva e evocadora do mundo Amazônico.

estabelecia a literatura regional ao nível da literatura nacional. A obra foi relançada em 2005 com algumas modificações sob o título de *Expresión poética del Beni*. Chávez destaca neste trabalho vinte e quatro poetas benianos entre homens e mulheres nos mais diversos períodos literários.

Dentro desta antologia estão inseridos poetas, entre outros, considerados expoentes da literatura boliviana como Luciano Durán Börger. Pedro Shimose e Homero Carvalho Oliva escritores representativos dentro da literatura boliviana.

Em 1992 o governo do departamento do Beni apresentou o *Diccionário de Intelectuales Benianos*, organizado por Oscar Rivero Aramayo em comemoração aos 150 anos de criação do departamento do Beni, nele estão copilados intelectuais benianos entre eles, jornalistas, escritores, poetas, educadores e advogados. Aramayo escreve que:

> Los espíritus sensibles los de aquellos que nascieron en Mojos. Ardiente el amor como el sol que calcina los bajíos, el camba poblador de nuestras tierras es frío como la hoja de cuchillo que porta en la cintura, cuando lidia con la muerte[17] (RIVERO, 1992, p.15).

Dentro da mística que envolve a poética beniana está intimamente ligada a valentia do homem beniano, o “camba” valente, que domina a natureza e lida com os limites da morte.

Um dos principais nomes da literatura Beniana é Pedro Shimose (1940), ganhador do prêmio *Casa de las Americas* com o livro *Quiero escribir pero me sale espuma* (1972). Este livro possibilitou a Shimose prestigio nacional e internacional. Shimose publicou também a antologia *Poetas del oriente boliviano* (2011).

A poesia de Shimose contém um traço que distingue sua obra das demais obras benianas que, segundo Chávez (2005) a maior parte das obras benianas estão relacionadas a temas mais *costumbristas* e de contemplação da natureza. A obra de Shimose mostra-se mais universalista e reflexiona sobre a condição humana (Ostrute, 2002). Destacamos um trecho da poesia

[17] Espíritos sensíveis os daqueles que nasceram em Mojos. Ardente o amor com o sol que calcina a planície, o camba povoador de nossas terras é frio como a lamina da faca que porta na cintura, quando lida com a morte.

Medgar Evers[18] publicada na antologia *Índice da la poesia boliviana comtemporánea* (1964) de Juán Quirós García nos apresenta esta visão dentro da obra de Shimose no trecho que segue:

> Cansados de burlarse de tu piel, /de tus labios, /de todo lo que haces y dices, /cansados de lanzar contra tu raza al Ku Klux Klan / y de incendiar tu choza y volverla a quemar por sobre sus cenizas; /cansados de explotarte, /vendiéndote, /encadenándote, /despreciando a tus hijos, / a los hijos de tus hijos y a los que vendrán después[19] (GARCÍA, 1964, p. 357).

Referindo-se a Pedro Shimose, Chávez afirma que apesar de estar a mais de trinta anos fora de Bolívia não esqueceu suas raízes humanas e telúricas. Outra obra importante de Shimose é o livro *Poemas para un pueblo* (1968), nele o poeta expressa sua experiência sócio-política e seus pensamentos de mundo valorizando figuras e lugares latino-americanos:

> Para hablar de mi patria es preciso nombrarte, /es preciso decir: Camilo Torres, Che Guevara/ o Josué de Castro/ como se dice Amazonas, Yucatán o Machu Picchu. /Para comprehender a mi patria, para amarla, / para saber dónde está y como es mi patria /no hay que ir a las recepciones sociales ni leer diarios/ ni frecuentar bibliotecas, /basta decir: favelas de Río, ranchos de Caracas, /(mientras los Nuncios se hacen los dormidos), /callampas de Santiago, jacales de México, / barriadas de Lima, villas miseria de Buenos Aires /(mientras los Nuncios se hacen los dormidos), /Campamentos mineros de mi patria / (mientras los Nuncios se hacen los dormidos)[20] (CHÁVEZ, 2005, p.9).

Neste poema Shimose resgata os espaços e lugares da América latina, os excluídos e heróis que de certo modo combateram a pobreza e a desigualdade, reflete a América Latina vista por uma latino-americano que está longe, mas com o olhar atento, que expressa a saudades da terra natal. Chávez afirma que o poeta:

---

[18] Ativista afro-americano do Movimento dos Direitos Civis do estado norte-americano do Mississippi, assassinado em 1963.

[19] Cansados de rir de tua pele, / de teus lábios, /de tudo o que fazes e dizes, / cansados de lançar contra tua raça o Ku Klux Klan/ e de incendiar tua cabana e novamente queimá-la sobre tuas cinzas;/ cansados de te explorar/ te vendendo, te encarcerando;/ depreciando a teus filhos, / aos filhos dos teus filhos e aos que virão depois.

[20]Para falar de minha pátria é preciso nomear-te, / é preciso dizer: Camilo Torres, Che Guevara/ ou Josué de Castro/ como se diz Amazonas, Yucatán ou Machu Picchu. / Para compreender a minha pátria, para amá-la, / para saber onde está e como é minha pátria/ não há que ir às recepções sociais nem ler jornais/ nem frequentara bibliotecas, / basta dizer: favelas do Rio, ranchos de Caracas, / (enquanto os Núncios fingem dormir), /callampas de Santiago, jacales de México, /barriadas de Lima, villas miseria de Buenos Aires / (enquanto os Núncios fingem dormir), / Acampamentos mineiros de minha pátria / (enquanto os Núncios fingem dormir).

> Maneja una temática social y expresa un mensaje político [...] Aquí el misticismo, aun conservado raigambre ontológica revierte una consciencia lúcida, histórica, sobre el proceso que vive América Latina y especialmente sobre el aquí y ahora en Bolivia[21] (CHÁVEZ, 2005 p. 220).

No livro *Mojitania* (1976) a escrita de Shimose se aproxima da temática regional e histórica de sua região revelando à construção e a paisagem telúrica da lendária *Moxitania*, a terra dos Mojos, a mestiçagem, os encontros entre guerreiros, a colonização, a cultura das águas e suas lendas, assim como a valorização de toda a natureza e a declaração da nostalgia e de saudade do poeta pela terra natal.

> India vegetal tallada en esmeralda, /cuando la noche sacudió sus alas/ y estrellas cayeron en /tus cuenca, /en tus ojos se miraron /la selva antes de ser selva, /la padreria antes de ser pradera /y el río /cuando no era más que un gota suspendida en el aire. / […]/Ahora que estoy lejos del instante en que te conocí, / Lejos de tus labios que ignoraban el beso del metal/ Y lejos /Del metal que ignoraba la existencia del callapo, / El carretón, la flecha de chonta y la canoa, /recordando tu cuerpo de rocío vertido en otro tiempo, /antes de la almendra como almendra/ y después del ambaibo como ambaibo / te escribo estos versos olerosos a vainilla[22] (CHÁVEZ, 2005, p.221).

Dentro desta temática regional e da paisagem telúrica passamos a Homero Carvalho Oliva (1954), este poeta atenta para a temática amazônica a partir da *cosmovisão* regional nos livros de poemas *Los Reinos Dorados* (2007) *e El cazador de Sueños* (2011).

Los Reinos Dorados poetiza o legado das civilizações que constituíram o território de *Mojos*, valorizando a visão de mundo dos povos ancestrais e o encontro espiritual do homem com a natureza, recorda o *Gran Paititi*, o reino perdido, antes que os incas pudessem chegar à região.

O livro *El cazador de sueños* contém poemas baseados na cultura da etnia *movima*, considerada o único povo indígena da região do qual não se

---

[21] Maneja uma temática social e expressa uma mensagem política [...] aqui o misticismo, ainda conservada tradição ontológica reverte uma consciência lúcida, histórica, sobre o processo que vive a e especialmente sobre o aqui agora em Bolívia.

[22] Índia vegetal talhada em esmeralda,/ quando a noite sacudiu suas asas/ e estrelas caíram em/ teu leito,/ em teu solhos se olharam/ a selva antes de ser selva,/ a pedreira antes de ser pedreira/ e o rio/ quando não era mais que uma gota suspensa no ar./ [...] agora que estou longe do instante em que te conheci,/ distante de teus lábios que ignoravam o beijo de metal/ e de longe/ do metal que ignorava a existência do callapo (madeira de sustentação),/ o truque, a flecha de chonta (palmeira nativa) e a canoa,/ lembrando teu corpo como castanha/ e depois da embaúba como embaúba/ te escrevo estes versos cheirando a baunilha.

conhece sua origem sociolinguística, explicado pelo próprio autor em seu artigo intitulado *Los orgullosos movimas*[23]*:*

> Los movimas son un pueblo cuyo origen socio-lingüístico no ha sido clasificado, pues su tronco lingüístico no pertenece ni a los arawak, que vinieron de los caribes centroamericanos hace como unos 3000 años (según los antropólogos), ni a los guaranís o tupiguaranís, que son uno de los grupos étnicos más grandes de la rama meridional que abarca a varios países. Es decir, no se sabe de dónde vinieron[24] (CARVALHO, 2011).

Apesar de toda extensão e história de seu território, o Beni é uma das regiões menos desenvolvidas de Bolívia, sua população é composta em sua maioria por indígenas e mestiços, os quais habitam nas proximidades dos rios Mamoré, Iténez e Yacuma que cortam a região, as dificuldades de acesso às cidades do altiplano boliviano têm levado esta parte do oriente boliviano ao isolamento não só econômico, mas também cultural. Dentro desta dinâmica apontamos a mística que envolve o espiritual envolvido dentro da dinâmica religiosa na região.

A religião dos povos tradicionais do Beni estava relacionada com um 'único Deus criador', com alguns astros, com os espíritos dos *montes*[25], em relação direta com o *jaguar* (felino celestial), do qual algumas culturas acreditam descender, os espíritos das águas (relacionada com o arco-íris) e em comunhão espiritual com os espíritos dos antepassados. Tais crenças são expressas na poesia de Carvalho em *El cazador de sueños* (2011):

> Nuestros dioses habitaban todo lo que nos rodeaba, decíamos rio, monte, jaguar, curucusí y allí estaban ellos: nuestros seres simbólicos. El espíritu del tigre era el padre de todos los espíritus. Los tigres entendían todas las lenguas y su sabiduría era más que humana, parecía que les venía de la Luna, a quien protegía durante la noche para que nada malo le vaya pasar[26] (CARVALHO, 2011, p. 30).

Observa-se que são a partir fatores históricos e a *cosmovisão* do indígena que está norteado o imaginário do beniano. Outro fator influente foi a

---

[23] Publicado no diário boliviano La Razón, de Santa Cruz de la Sierra em 24 de julho de 2011.

[24] Os movimas são um povo cuja origem sociolinguística não foi classificada, pois seu tronco linguístico não pertence nem aos aruaques, que vieram do caribe há pelo menos 3000 anos (segundo antropólogos), nem aos guaranis ou tupi-guarani, que são um dos grupos étnicos da região que abarca a vários países. Melhor dizendo, não se sabe de onde vieram.

[25] Floresta ou mata.

[26] Nossos deuses habitavam todo o que nos rodeava, dizíamos rios, monte, jaguar, vagalumes e ali estavam eles: nossos seres simbólicos. O espirito do tigre era o pai de todos os espíritos. Os tigres entendiam todas as línguas e sua sabedoria era mais que humana, parecia que lhes vinha da Lua, a quem protegia durante a noite para que nada mal lhe passasse.

presença das missões jesuíticas por volta do século XVII que mesclaram e acentuaram ainda mais a experiência religiosa do *mojeño*.

Los reinos Dorados (2007) de Homero Carvalho descreve em sua 'poesia nostálgica' a história de um reino perdido e já 'esquecido', define as influencias culturais deixadas por este reino, tanto no campo espiritual quanto material, focalizando a região do Beni como berço central dos Reinos Dourados, mas não se restringindo apenas ao lugar físico, o poeta compara este reino a outros reinos que já habitaram nosso mundo: "*Me muestra remotos reinos / que se extinguieron en la tierra / pero ninguno de ellos se parece/ a nuestros Reinos Dorados me dije*" [27]. (CARVALHO, 2007)

Segundo relatos históricos, quando os primeiros invasores chegaram à região, Mojos já estava em decadência ao menos três séculos antes. Nesse período surgiram as primeiras incursões em busca do *eldorado*, ou da cidade perdida do Gran *Paititi*[28].

Poetas benianos registraram em suas líricas a representatividade da lenda do Eldorado. O poeta Felix Pinto Saucedo, nascido em Trinidad capital do Beni escreveu: "*Riqueza y más riqueza! / Rumores de otras tierras exóticas y virgenes/ donde los reyes indios guardaban El Dorado/que buscara paciente/ el gran conquistador:/! La tierra de los Mojos! "*[29] (CHÁVEZ, 2005, 130). O Eldorado perdido na selva de Mojos, na Amazônia, no Beni.

Uma das marcas na região é justamente o encontro entre as culturas já existentes e a cultura do colonizador (religiosa ou militar) no território de *Mojos*. Tal encontro tem sua força dentro da lírica beniana, na formação do *camba*, povoador das planícies bolivianas. O 'mestiço valente' que habita as planícies amazônicas benianas. Segundo escreve Saucedo:

> Y en la mañana oscura, brutal, inextricable/ La planta de castilla, poderosa y valiente/erguida floreció/ Recuerdo del pasado. /Retratos de la historia de la tierra camba/escritos con la sangre/y con la cruz/y entre la caravana de un pueblo aventurero, / la mano redentora del bravo misionero/grababa

[27] Mostra-me reinos remotos/ que se extinguiram na terra/ mas nenhum deles se parece/ com nossos Reinos Dorados.
[28] A cidade perdida ou Eldorado estaria a leste da cordilheira Andes, acredita-se que seria uma cidade rodeada por selva.
[29] Riqueza e mais riqueza! Rumores de outras terras exóticas e virgens/ onde os reis índios guardavam o Eldorado/ que buscara paciente/ o grande conquistador:/ A terra de Mojos!

> en el espíritu de nuestra raza india / la imagen de Jesús[30] (RIVERO, 1992, p. 15).

Outros autores como Luciano Durán Böger, narram o processo social do homem beniano nas terras benianas. Em 1967 Böger publicou *En las tierras de Enín,* esta novela faz alusão a um dos nomes da região beniana, antigo reino de *Enín*, um dos nomes mitológicos do Beni. Nela o autor explora as desventuras dentro do campo sociocultural, explorando a realidade refletida na sobrevivência do homem diante das adversidades impostas pelo ambiente hostil

Tenta-se aqui, por meio dos apontamentos acima apresentar o que há de mais expressivo no contexto da literatura beniana, e assim, representar um pequeno panorama desta literatura em seu entorno vital, sua cultura, história e mitologia.

[30] E na manhã escura, brutal, inseparável/ A planta de castelã, poderosa e valente/ erguida floresceu/ Lembrança do passado. / Retratos da história da terra camba/ escritos com o sangue/ e com a cruz/ e entre a caravana de um povo aventureiro, / a mão redentora do bravo missionário/ gravava no espirito de nossa raça índia/ a imagem de Jesus.

EÇÃO 3: AS OBRAS: AMBIENTE, COLONIZAÇÃO E MITO

La selva es una virgen que no se entrega nunca,
Tendremos que arrancarle con fuerza la palabra,
Vestirla con ciudades,
Ceñirle con caminos los muslos inviolados,
Quemar su piel velluda con sangres de progresos y civilizaciones.
Raul Otero Reiche[31]

Dentre a produção literária da região do Beni nos interessa abordar as novelas *Siringa: memorias de un colonizador del Beni* (1946), Juan B. Coimbra e *Inundación* (1965), Luciano Durán Böger e a poesia *Los Reinos Dorados* (2007), de Homero Carvalho Oliva. Todas estas obras destacam experiência e expressões sobre a Amazônia boliviana a partir da experiência cultural e relação de familiaridade dos autores com esta região,

Juan Bautista Coimbra é considerado um dos primeiros a registrar o avanço dos colonizadores do período da borracha na região de Mojos, e em sua obra destaca "a importância da 'conquista' do homem sobre região *selvática* do Beni". Em seus escritos descreve os homens que desafiavam a morte: "*Muchachos! Vayan al Beni hombre" ¡No sean cobardes! ¡Aquí, allá, más allá de los mares, la sangre tiene su precio! En cualquier parte la muerte está espiando*[32]" (COIMBRA, 1974 p. 65). Sua obra nos apresenta o olhar da experiência da colonização e a conquista do ambiente.

Böger apresenta a luta do homem beniano contra as forças opressoras dentro de *Inundación,* personificada na figura 'patrão' e também da relação ambígua de harmonia e enfretamento com a natureza da Amazônia boliviana: "*El rocío ha empapado los cuerpos que durmieron a la intempérie, bajo el cielo raso*" [33] (BÖGER, 1965. P. 105).

Carvalho, poeta e escritor contemporâneo apresenta, e realiza uma construção poética, histórica e cultural do território do Beni *remoto*, revendo seus diversos nomes segundo as diversas culturas que compartilham este reino nostálgico e espiritual: "*Candire/ Candire repite mi padre/ ese era nuestro nombre/ así nos llamabamos nosotros/ aunque muy pocos lo recuerden*" (CARVALHO, 2007, p. 18).

---

[31] Poeta boliviano (1906 – 1976).
[32] 'Rapazes! Vão ao Beni homens' Não sejam covardes! Aqui, acolá, para lá dos mares, o sangue tem seu preço! Em qualquer parte, a morte está espiando.
[33]"O orvalho empapou os corpos que dormiram sob o raso céu.

Nos interessa destacar os referenciais culturais e históricos de seus textos no que diz respeito ao espaço cultural amazônico boliviano, pois mesmo se tratando de ficção a obra informa sobre o 'real'. A ficção trata de apresentar traços do que teria sido os nuances da história local. Para Chartier (2007) ao tratar de história e ficção esclarece que:

> Em todas as suas formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção é "um discurso que 'informa' do real, mas não pretende representa-lo nem abonar-se nele", enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é (CHARTIER, 2007, p. 24).

Para Chartier a ficção literária é um discurso que informa sobre a 'realidade' e *Siringa* traz uma expressão da região amazônica boliviana tratando o tema da colonização do território, da hibridização e da mitologia regional baseada nas remotas civilizações e dos processos históricos que ali ocorreram. *Siring*a se trata a partir de sua representada condição de universalidade, ao tratar de um assunto dentro de uma perspectiva local que dialoga com outros processos históricos e temas em outras partes do mundo, se encaixando dentro da universalidade sustentada por Candido:

> A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar (CANDIDO, 2000, p. 41).

Para Candido, a literatura depende de sua atemporalidade e para sua grandeza, seu destaque depende do alcance de sua proposta, não estando presa apenas a um momento ou lugar determinado.

Podemos citar a exemplo o *Grande Sertão Veredas* (1956) de Guimarães Rosa, que tem como cenário o sertão, mas sua importância vai além do lugar e tempo comum por dialogar com temáticas e experiências culturais distintas.

As obras dos autores bolivianos mencionadas acima nos apresentam elementos para compreender a dinâmica amazônica relacionadas à história sociocultural, ao ambiente e a mitologia. Não se delimitam ao rótulo de literaturas regionais, pois são obras que ultrapassam a 'inteporalidade' e dialogam com outros contextos e lugares, e não estão restritas a um tempo tão

somente, mas singularmente reflexionam sobre o comportamento humano, são em seu contexto retratos sociais.

3.1 A Colonização do Beni em Juan B. Coimbra.

Na literatura mundial se encontram narradas diversas aventuras sejam elas ficções ou apenas relatos baseados nas experiências de seus autores. Nos grandes espaços onde o homem se apresentou como conquistador surgiram obras literárias que, ao mesmo tempo em que serviam de entretenimento a sua audiência, estabeleciam elementos que ecoavam o deslumbramento pelo desconhecido. Por vezes de forma intencional por parte de seu autor.

Juan Bautista Coimbra Cuellar, nascido em Santa Cruz de la Sierra no ano de 1878, foi escritor, jornalista e pioneiro na colonização do território beniano. Coimbra escreveu um único livro: *Siringa: Memórias de un colonizador del Beni* (1946).

O escritor esteve ligado a jornais importantes e pioneiros à época como *El Eco del Beni* (1897). O autor realizou um amplo trabalho social e cultural na região durante o período da guerra do Acre e participou como fundador de dois jornais locais o *El Porvenir* (1909-1932) e *El Marconi* (1912).

Siringa, como já ressaltado, é conhecidamente o único livro escrito por Coimbra, foi publicado quatro anos após sua morte, nesta obra o escritor narra em parte sua própria experiência em meio ao processo de colonização da região beniana, descrevendo o percurso traçado pelos bolivianos e estrangeiros ao território do Beni (Mojos), como ele mesmo relata: ‘contagiados pela febre da borracha’.

A obra, considerada esclarecedora no que se diz respeito ao cotidiano dos exploradores e em sua busca iminente por riqueza. Sobre Siringa, Reinaldo Alcazar escreve:

> Tem a magnitude de uma novela, é em realidade a epopeia das selvas benianas contada por um pioneiro. Seu autor, modestamente, a subtitulou ‘Memórias de un colonizador del Beni’. “Muitos críticos afirmam que Siringa, ainda que não tenha o mesmo dramatismo de *La Vorágine* ou de *Canaíama*, célebres novelas regionais hispano-americanas, as supera em veracidade, porque Coimbra narra apenas àquilo que viu e viveu (ALCAZAR *in* BLANCO, 2005, p.54).

Fabian Vaca Chávez, escritor beniano, defende que *Siringa* deve ser igualada a duas importantes obras que tratam da Amazônia: *La vorágine* (1924), do colombiano José Eustáquio Rivera e a *Canaíma* (1935), do venezuelano Romulo Gallegos. Entende-se que esta obra se destaca comparado a estas duas obras se mostrando mais próximo à *A Selva* (1930) do português Ferreira de Castro. Ferreira de Castro e Coimbra viveram a experiência agressiva da Amazônia o que nos dá uma representação mais emocional de seus autores em suas experiências literárias. Fernando De Medina, crítico boliviano, em seu ensaio Literatura de Bolívia (1953) faz o seguinte apanhado sobre *Siringa*:

> Gilfredo Cortés Candia y Gonzalo Cuéllar Jiménez han escrito paginas sentidas de la vida en las regiones del noroeste. Pero el escritor más singular que ha brotado del Beni fabuloso y pánico es Juan B. Coimbra, autor de Siringa, modestamente subtitulado "Memorias de un colonizador del Beni". Es la epopeya de la selva gumífera contada por un pionero. El trópico que mira al Amazonas, descrito como era al comenzar el siglo, "con su grandeza, su heroísmo su barbarie y magnificencia salvaje".[34] (MEDINA, 1953, p. 276).

Medina (1953) sintetiza o livro *Siringa* valorizando sua importância documental, histórica e cultural, uma vez que Coimbra escreve sobre o oriente amazônico de fins do século XIX e início do século XX.

O crítico destaca que a obra alude sobre a conquista do ambiente que até certo momento era ainda desconhecido para o país, mas a crítica de Medina não se detém apenas a descrição cultural e histórica em Siringa, mas destaca a forma que tais informações são desenvolvidas na obra, elevando assim o teor literário de Coimbra ao final sintetiza que o livro “tem a vivacidade da novela, a graça do ensaio e a fascinação de uma história poeticamente contada”.

O Crítico destaca o comentário do então jovem escritor Raul Botelho Gonsalvez, autor de *Borrachera Verde* (1938), novela ficcional sobre a selva

---

[34] Gilfredo Cortés Candia e Gonzalo Cuéllar Jiménez escreveram páginas sentimentais da vida nas regiões do noroeste. Mas o escritor mais singular que brotou do fabuloso e assustador Beni é Juan B. Coimbra, autor de Siringa, modestamente subtitulado ‘Memorias de un colonizador del Beni’. É a epopeia da selva gumífera contada por um pioneiro. O trópico que olha ao Amazonas, descrito como era ao começar o século, ‘com sua grandeza, seu heroísmo, sua barbárie e magnificência selvagem’.

beniana. Gonsalvez afirma que Siringa é a vitória do homem sobre as trágicas selvas da Amazônia boliviana e que a obra não é apenas isso; nem unicamente um irmão menor dos *Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Gonsalvez observa que a importância de Siringa se iguala a qualidade de *Os Sertões* do escritor brasileiro". (MEDINA, 1953)

Siringa descreve, até então, uma visão local e inédita de um oriente amazônico ignorado pelos bolivianos, diferenciando-se de *Páginas barbaras* (1914), de Jayme Mendonza. Que até aí, se constituía como uma das primeiras fontes sobre a região amazônica ou para os bolivianos o *oriente boliviano,* uma das primeiras obras a tratar as formas de trabalho na Amazônia boliviana. Mas é em *Siringa* que a experiência do colonizador se apresenta de modo vivaz dado que seu autor viu e viveu a experiência e a transmutou em literatura. A obra é de acordo com Coll:

> Novela autobiográfica, testimonial y regional. Interesante relato de la selva tropical, hacia al Amazonas, con sus páginas vigorosas sobre la barbarie y la grandeza del lugar. El poblador del Beni es un hombre victorioso sobre lo salvaje y destructor de la selva, con sus grandes ríos, con sus ciudades, sus explotadores del caucho y sus filibusteros, su mito y su folklore[35] (COLL, 1992, p.39).

Vê–se a importância dos escritos de Coimbra como uma revelação da ação ou negociação do homem sobre/com a natureza por meio das imagens propiciadas pela leitura de sua obra, reforçando ou contestando os discursos preconcebidos e a afirmação muitas vezes de um discurso intencional de região desabitada onde apenas havia natureza e selvagens.

Siringa descreve para os bolivianos que o espaço devia ser conquistado, assim como o caminho a ser traçado para a conquista do oriente:

> Los mirajes que surgieron de estas perspectivas, revelaron la necesidad y la importancia de todas aquellas acciones creadoras de fuentes de riqueza y representativas de la soberanía nacional en los más remotos confines[36] (COIMBRA, 1974, p. 23).

---

[35] Novela autobiográfica, testemunhal e regional. Interessante relato da selva tropical, do Amazonas, com suas páginas vigorosas sobre a barbárie e a grandeza do lugar. O povoador do Beni é um homem vitorioso sobre o selvagem e destruidor da selva, com seus grandes rios, suas cidades, seus exploradores do caucho e piratas, seus mitos e folclore.

[36] As miragens que surgiram destas perspectivas, revelaram a necessidade e a importância de todas aquelas ações criadoras de fontes de riqueza e representativas da soberania nacional nos mais remotos confins.

Esta trajetória realizada e registrada por Coimbra é muito similar à de muitos outros atores da Amazônia que se empreitaram na conquista e busca do eldorado, como é o exemplo do peruano Fitzcarraldo e do boliviano Nicolas Suárez, amigo e contemporâneo de Coimbra (ABDALA JUNIOR, 2009, p.97).

Não há dúvidas que o período da borracha foi um período que trouxe grandes mudanças na Amazônia e afetou gravemente a muitos dos povos nativos deste lugar. Entre as levas de pessoas que seguiam aos confins verdes estavam colonizadores dispostos a tudo para conquistar de fortuna e Coimbra define o que a palavra *Siringa* significou naquela época, dada a importância comercial e seu valor no mercado europeu:

> Llegado el año de 60 [sec. XIX] la industria extractiva de este producto ya se practicaba en las márgenes del río Madeira por colonias de brasileños y bolivianos allí establecidas, pues la preciosa resina se había colocado pronto a la cabeza de los mejores artículos de exportación alcanzando halagadoras cotizaciones en los mercados de América del Norte y ultramar[37] (COIMBRA, 1974, p.23).

Em termos literários, a obra de Coimbra, é ainda pouco explorada dada a sua importância enquanto representação da experiência durante a exploração da borracha na parte do norte-amazônica boliviana.

A magnitude de *Siringa* se expressa justamente na vivência e experimentação de seu autor da história e da colonização do território beniano, escrevendo com detalhes minuciosamente as dificuldades e a aventura do colonizador junto à selva.

Como pensar a Amazônia sem destacar os processos de colonização que a envolveram e como ocultar as mudanças que os ciclos econômicos impuseram ao seu cotidiano? O tema da colonização é recorrente dentro da literatura de Coimbra, o qual dá o subtítulo a seu livro como '*memorias de un colonizador del Beni*' antecipando ao leitor o teor das informações que poderão ser lidas dentro de sua obra.

Porfirio Díaz Machicao (1975) destaca que a obra de Coimbra é o códice *Mojeño*, e um documento altamente revelador de um período de vida quase

[37] Chegado o ano de 1860 a indústria extrativista deste produto (borracha) já era praticada as margens do rio Madeira por colonos brasileiros e bolivianos ali estabelecidos, pois a preciosa resina se colocava ao topo dos melhores artigos de exportação alcançando satisfatória cotação nos mercados da América do Norte e de ultramar.

incrível[38]. *Siringa* se resume, em tese, nas memórias de um personagem que conta suas experiências junto a muitos outros colonizadores que almejavam alcançar a riqueza a partir da extração do látex. Poderia ser esta mais uma simples obra ficcional, se não fosse à experiência do autor no turbilhão que foi a colonização da Amazônia boliviana.

A indústria da borracha dentro das paragens bolivianas foi efervescente e o livro de Coimbra explora o universo e o cotidiano amazônico boliviano, dos seringais, das novas cidades e do grande fluxo migratório, consequências advindas do período da Borracha:

> El hecho de haberse organizado los primeros centros de trabajo en los ríos Beni, Madre de Dios, Orton y sus respectivos afluentes, tuvo profunda repercusión en todas las poblaciones del país, especialmente en Santa Cruz, cuyos hijos habían coronado las hazañas más loables. Cuantos cruceños retornaban del Norte, de las selvas – el Antisuyo para los incas – todos eran portadores de la buena nueva, encareciendo la urgencia de elemento humano, cuyo concurso era necesario para el éxito de la naciente industria[39] (COIMBRA, 1974, p. 24).

O fluxo migratório gerado pela indústria da borracha, destacado pelo autor, era fator essencial para o sucesso da indústria da borracha. Dentro deste fluxo migratório iniciado nas ultimas décadas do século XIX os homens que optaram pela aventura de colonizar a região, começaram a desbravar o ambiente amazônico, as notícias se referiam não só ao efervescente mercado da borracha, mas também às experiências que criavam história que agitavam o imaginário do colonizador gerando histórias fantásticas que encantavam e ao mesmo tempo assustavam.

Observa-se que a obra de Coimbra segue em parte a construção discursiva sobre a região amazônica, percebe-se em seu discurso imagens preconcebidas dando lugar, em alguns momentos, à fantasia, mas sempre recobrando o tom descritivo para abordar dramas reais da privação e isolamento do homem dentro do contexto amazônico. Destacando-se

---

[38] P. Díaz Machicao: 'Mundo cálido y misterioso de Siringa' (1975).

[39] O fato de haver-se organizado os primeiros centros de trabalho no rio Beni, Medre de Dios, Orton e seus respectivos afluentes, teve profunda repercussão em todas as povoações do País, especialmente em Santa Cruz, cujos filhos haviam coroado as façanhas mais louváveis. Quantos crucenhos retornavam do Norte, das selvas - o Antisuyo para os Incas – todos eram portadores da boa nova, encarecendo a urgência de elemento humano, cujo curso era necessário para o sucesso da nascente indústria.

problemas sociais, frutos do grande fluxo humano, como o trabalho infantil, incesto e a agressão contra os povos originários.

Siringa carece ainda de análise crítica para que se estudem as dimensões culturais da sociedade a qual está inserida. É uma obra que dá a conhecer um lugar específico, mas que torna as ações neste determinado lugar e espaço comparável a muitos outros processos históricos e lugares similares.

3.2 Aspectos sociais em Inundación, de Luciano Durán Böger

Luciano Durán Böger (1904-1996) nasceu na cidade de Santa Ana del Yacuma, no Beni, de formação autodidata, foi pintor, desenhista, poeta, novelista, escritor e colunista em jornais bolivianos entre eles *La Razón, El diário*, *Presencia* entre outros.

Era um forte opositor a guerra do Chaco (1932-1935) isto o levou a prisão entre os anos de 1932 e 1935, tal posição de Böger também resultou em sua expulsão do Conselho universitário da Universidad Mayor de San Andres. Foi também fundador do Partido de esquerda revolucionária (PIR) e do Partido comunista da Bolívia. Sua ideologia política foi fator motivador para sua perseguição e exílio de Bolívia. Durante seu exílio esteve no Peru, Chile, Suíça, França e Espanha.

Como escritor escreveu excelentes livros que unidos apresenta um panorama do oriente boliviano, sua narrativa é marcada pelo forte apelo social. Além de *Inundación* (1965), Durán Böger publicou: Poesia: *Geografía de la sangre* (1963); Novela: *Sequía* (1960); *En las tierras de Enín* (1967); *Sangre en la esmeralda* (1972). Ensaio: *Poetas del Beni* (1963).

Muito de sua visão política está presente em sua obra, em se tratando da luta cotidiana e da polarização oprimido-opressor. *Inundación* descreve o habitual, o cotidiano do homem amazônico que a um só tempo sofre as intempéries ambientais. É o empregado ‘submisso’ e ao mesmo tempo está consciente de sua condição subjugada aos desmandos do patrão ‘dominador’. É um livro representativo servindo como espelho de um ‘continente em luta’, na visão do seu autor, por tratar sobre temas do trabalho, relações sociais e mais especificamente da estreita relação do homem com a natureza seja ela de

adaptação ou enfrentamento não apenas do regional, mas da América latina com um todo.

A obra se trata de uma novela dentro de outra novela. Uma narrativa que se aprofunda em outra narrativa desenvolvida a partir de seus personagens. Luciano Durán Böger se utiliza em sua novela a inundação, um fenômeno da natureza como pano de fundo para descrever situações cotidianas do homem amazônico no espaço beniano, um espaço onde o sujeito está submetido tanto às intempéries da natureza quanto a crueldade humana.

> El Mamoré, adorado por los mojeños, como el Nilo por los egipcios, como todos los grandes y hermosos ríos, tiene su biografia, tiene su historia, sus leyendas. Desde tiempos remotos, el clan nutrióse de él y fortaleció su espirito bárbaro, recibió el bautismo como la sangre de crímenes horrendos[40] (BÖGER, 1965, p. 38).

A presença da natureza mais presente na figura do rio e da selva em *Inundación* se mostra como pano de fundo para definir todos os contornos sociais representados pelo autor, através de um símbolo histórico para os habitantes da região representado pelo rio Mamoré, o autor vai construindo, tecendo seu romance, ao mesmo tempo em que representa a realidade vivida na visão de uma família de ribeirinhos as dificuldades do homem em meio as mais diversas dificuldades a qual o humano pode estar submetido em um ambiente hostil.

A obra de Durán Böger nos apresenta componentes que abordam sobre o real onde podemos tratar todo um contexto, tanto o político quanto o cultural. Em *Inundación* se encontra uma firme demonstração representativa da sociedade amazônica boliviana dos anos 40 e 50, descrevendo os inconvenientes das relações desta sociedade, em um período onde a comercialização da indústria da borracha já se apresenta em declínio e a presença do estado não se faz presente.

O autor descreve a luta do camponês beniano subjugado pelos fazendeiros e grandes proprietários de terras, através do trabalho forçado, escravizado humanamente e moralmente. Ademais das situações oriundas de

---

[40] O rio Mamoré, adorado pelos *mojeños*, como o Nilo pelos egípcios, como todos os formosos rios, tem sua biografia, tem sua história, tem suas lendas. Desde tempos remotos, o clã nutriu-se dele fortaleceu seu espírito bárbaro, recebeu o batismo como o sangue de horrendos crimes.

conteúdo social, soma-se a isto as dificuldades ambientais como é o exemplo do título do livro: *Inundación*, uma grande enchente no rio Mamoré que aflige as populações das terras baixas da Amazônia boliviana, desabrigando a muitos destes 'condenados da terra'.

Este tema da situação decadente do "ribeirinho" dentro de *Inundación* é latente, e atende a circunstâncias e consequências oriundas das necessidades baseadas no contexto social onde a riqueza de um define a pobreza de todos os outros. É a representação de um feudalismo caricaturado onde todos dependem do "rico" para sobreviver e poder ter uma terra onde plantar, já que tudo neste quadro social pertence ao "rico", contado pelo autor por meio de seu representante chamado de *yanacón*[41]. O *yanacón* aqui é descrito por Böger como *el yanacón ganadero de San Angelito* representado por um comportamento cruel e desumana e também da ausência de respeito moral pelo semelhante:

> El yanacón ganadero de San Angelito es un sujeto de estatura larga, blanco, lampiño, con brazos de gorila, manos anchas, dedos delgadísimos, muñecas nervudas, con timbre de voz temblorosa que va del agudo del falsete soprano al chifle del flautín. Abijeatista, arbritario, oriundo de las tierras amazónicas. No respeta ni compadece el estado calamitoso de los hombres y mujeres viejos, jóvenes y niños que, después de haber servido a su difunto progenitor y a él – bajo largos años de opresora explotación – son ya piltrafas flecudas de miserias andantes que arrastran los pies de plomo de la decrepitud prematura[42] (BÖGER, 1965, p. 22).

O personagem representa o opressor na obra de Durán Böger, que por meio do "poder" provenientes de suas posses, que se alimenta da miséria humana. Por outro lado, o explorado se põe em um escapismo por meio da religião arrebatando de seu explorador toda a culpa e substituindo os efeitos de sua condição pela 'vontade de Deus'[43].

Na obra de Böger uma família de trabalhadores que deixam a cidadela de *San Angelito* através do rio Mamoré a sair das terras onde cultivava sem

---

[41] Arrendatário na terra em que cultiva.

[42] O arrendatário 'bovino' de San Angelito é um sujeito de estatura alta, branco, sem barba, com braços de gorila, mãos compridas, dedos magríssimos, munhecas nervosas, com voz timbrosa que vai do agudo falsete soprano ao chifre do flautim. 'Abijeatista' (ladrão de gado), arbitrário, oriundo das terras amazônicas. Não respeita nem compadece do estado calamitoso dos homens e mulheres velhos, jovens e crianças que, depois de haver seu defunto progenitor e depois a ele – sob longos anos de opressora exploração- são já pútridos restos de misérias ambulantes que arrastam os pés pesados da decrepitude prematura.

[43] FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 41.

poder levar nada de sua antiga moradia. A família mantém-se em fuga pelos rios vivendo as intempéries de origem tanto naturais quanto humanas até alcançar algum ponto onde possa se estabelecer e poder trabalhar visando o sustento sua família.

Na primeira parte de *Inundación* o autor vai desenvolvendo, a partir dos personagens que compõe a narrativa, suas visões de mundo, em especial da linguagem do 'ser amazônico' e a relação antagônica entre a natureza e o homem, o homem e a sociedade. O sujeito amazônico de Böger é um ser que está sempre em luta, sua luta muitas vezes está contra seu opressor (o patrão) ou então contra a natureza. Pela forma como são retratados os temas sociais as quais se apresentam na obra, acredita-se que muito se deve a orientação política de seu autor que sempre esteve ligado esquerda boliviana.

Inundación de Luciano Durán Böger são duas novelas que dialogam entre si: *Inundación* e *Limonquije. Limonquije* é uma novela escrita por um dos personagens de *Inundación*, anunciada ao fim da primeira parte.

Em *Limonquije,* segunda parte da novela, Böger apresenta a polaridade entre o patrão (carayana)[44] e o *mojeño*[45] (camba ou mestiço, habitante da região de *mojos*), o autor descreve a personagem, a qual é chamada de forma generalizada pelo autor, de *mojeño* que viu sua comunidade ser destruída pelo branco, da qual é extraído de sua posição dentro de sua coletividade é transformado em um ser marginalizado pela própria sociedade que destruiu sua condição anterior. É o *mojeño* a representação de toda uma comunidade que vivenciou tal condição na região. Esta situação enfrentada pelo *mojeño* é assim descrita pelo autor:

> En la comunidad de los índios mojeños se había quedado como loro en su estaca. La muerte trágica de su mujer y de sus hijos ocasionados por la masacre, perpretada bajo el mandato de la despótica autoridad política del Beni, lo hundió en el pozo sombrio de La depresión anímica[46] (BÖGER, 1965, 167).

A perspectiva com a qual o *mojeño* se apresenta está em uma condição de isolamento e submissão ao colonizador do território ao qual pertencia. Ele

---

[44] Nome dado ao branco.

[45] Indígena que habita o território de Mojos, em geral, grande parte das populações indígenas que habitam o Beni se consideram *mojeños.*

[46] Na comunidade dos índios *mojeños* havia ficado como loro em seu galho. A morte trágica de sua mulher e de seus filhos ocasionado pelo massacre, perpetrado sob o mando da despótica autoridade política do Beni, o fundiu no poço sombrio da depressão anímica.

junto a uma coletividade e sua família. Este personagem está agora submetido a uma realidade construída pelo colonizador "branco", o aventureiro que seguiu movido em busca de aventura e fortuna e que provocando o massacre de comunidades indígenas. A ambição dos colonizadores e aventureiros que seguiram para a Amazônia boliviana motivou enfrentamentos que depreciaram a condição e a cultura do nativo, segundo o pesquisador boliviano Zeitum López esta ação foi:

> Executada no nível de uma confrontação nacional por avançar sobre terras desconhecidas do coração sul-americano, nestas, mas ainda não encontradas terras do Noroeste: seu impacto e fascinação econômica foi tão espetacular como também foram censuráveis os que se protagonizaram com o nativo assim como no campo das relações sociais, tudo que despertou ambição [...] (LÓPEZ, 1991, p. 04).[47]

O personagem, o *mojeño*, vítima das relações sociais protagonizadas diante das mudanças provocadas no espaço amazônico boliviano na confrontação cultural entre o explorador e o indígena. No livro de Böger o *mojeño* mantém em seu interior um ressentimento, uma desconfiança, herança do encontro cruel entre o *carayana* e o indígena. O autor da obra vai desenvolvendo a partir do encontro entre estes dois personagens a crítica dando voz ao subalterno desta relação. O *carayana*, da cidade de Santa Cruz de la Sierra que se desloca para o oriente boliviano com sua mulher e filhos, na região (Limonquije) onde se estabelecerá encontrará o *mojeño* seu primeiro assalariado. O indígena ao primeiro contato, vê certa resistência em aceitar ser empregado do 'branco', que veio do mesmo lugar dos mesmo que subjugaram sua comunidade:

> La casualidad hizo que se encontrase con el susodicho *carayana* u hombre blanco de mucho empuje y dinámico, de pelo en pecho, con pulso decisivo para organizar su hogar, ansioso de construir su casa, allí donde la tierra es fecunda y generosa como una madre. El *mojeño*, ¿se imaginó descubrir en ese 'señor', de piel tersa y luenga barba, un alma buena? Quiso responder a su pregunta 'Jáa… así será ¿no? ' – pero se

[47] Fue ejecutada en el nivel de una confrontación nacional por avanzar sobre tierras desconocidas del corazón sudamericano, en estas, nuestras, pero aún no halladas tierras del noroeste: su impacto y fascinación económica fue tan espectacular como también fueron censurables los que se protagonizaron con el nativo, así como en el campo de las relaciones sociales, todo lo cual despertó la codicia [...] (López, 1991, p. 04).

> arrimó al silencio como un cuerpo cansado sobre el tronco de un árbol. Compara y corteja – minuciosamente – la desigualdad que existe entre su vida y la vida de aquel caballero que se precia de ser verdaderamente noble por su conducta rectilínea y por su honradez acrisolada[48] (BÖGER, 1965, p. 167).

O *mojeño* aqui, não é um ser desprovido de consciência e dominado, contrário a isso, ele reflete sobre sua condição, analisando a diferença entre ele e o 'branco' mais precisamente relacionando a desigualdade de suas vidas. Observa o 'outro', escuta e o analisa visando conhecer o outro antes de qualquer tipo de atitude ou tomar alguma decisão. Sabe que é igual ao outro, e o que o distancia do outro é apenas sua condição social. Enquanto o 'outro' tem sua família e posses ele se vê apenas provido de sua força de trabalho, o que lhe incomoda, por ser isso exatamente o que o outro precisa, sua força de trabalho. É o *mojeño* em *Inundación*, um ser descolonizado, na perspectiva que Frantz Fanon planteia. Para Fanon, a descolonização modifica e transforma o ser, fazendo com que ele possa criar em seu interior a mudança de espectador para um ser ativo diante do quadro social em que está inserido. (FANON,1983).

No texto o *carayana* tenta conquistar a confiança do *mojeño* para que este possa lhe auxiliar na tarefa de exploração do ambiente, para a utilização do seu trabalho. Para isso lhe confidencia o motivo de sua ida para o oriente amazônico boliviano, se diz cansado da vida tranquila em Santa Cruz de la Sierra e por isso chegou ali em busca de aventura e fortuna. O *mojeño* reage de forma fria a contato do *carayana*:

> El mojeño lo escucha como oir llover. Menosprecia la confidencia que le hace. Sabe que está solo, sin mujer y sin hijos. Y no tiene nada más que su fuerza de trabajo. Mientras que áquel que acaba de poner en sus manos unas pocas y contadas monedas de plata, además de su compañera y de su hijo, es dueño de un revolver, usa zapatos, es poseedor de una apreciable cantidad de dinero, de un hermoso colchón, escopeta, platos, ollas, etc.[49] (BÖGER, 1965, p. 168).

---

[48] A casualidade fez que se encontrasse com o mencionado *carayana* ou homem branco de força e dinâmico, de cabelo no peito, com pulso decisivo para organizar seu lar, ansioso por construir sua casa, ali onde a terra é fértil e generosa como uma mãe. O *mojeño* imaginou descobrir esse 'senhor', de pele clara e longa barba, uma alma boa? Quis responder a sua pergunta 'Já ...assim será não? –mas se colocou em silêncio como um corpo cansado sobre um tronco de árvore. Compara e corteja –minuciosamente – a desigualdade que existe entre sal vida e a vida daquele cavalheiro que preza de ser verdadeiramente nobre por sua conduta retilínea e por sua integridade e honradez.

[49] O *mojeño* o escutava como ouvisse chover. Menospreza a confidencia que lhe faz. Sabe que está só, sem mulher e sem filhos. E não tem nada mais que sua força de trabalho. Enquanto

Nesse sentido, o trecho acima notoriamente explora a visão do *mojeño* despossuído diante do branco, o qual se torna seu patrão. A posição do patrão possuidor de uma bela família, protegido por uma arma de fogo, dono de certa riqueza cria nele certo desdém. A carga negativa que se assoma sobre a vida do *mojeño,* sem família e sem filhos, mostra-se pela polaridade clara de uma relação de oposição, onde a troca é item essencial, neste caso, do dinheiro pela força de trabalho. A indiferença do *mojeño* frente ao *carayana* é resultado de sucessivos sofrimentos causados por meio de experiências e relações às quais foi submetido, em parte pela opressão por patrões e da lastimosa trajetória de vida no ambiente amazônico.

3.3 Aspectos culturais em Los Reinos Dorados, de Homero Carvalho Oliva

A cultura é um dos maiores legados que uma sociedade pode deixar como marca de sua existência, mas para que esse legado possa ser conhecido é preciso que seus registros sejam claros e acessíveis. *Los reinos dorados* (2007), de Homero Carvalho recopila de forma lírica a história beniana e seus antecedentes remotos, que explora uma época mitológica oriunda das culturas milenares que habitaram a região dos *llanos de Mojos*.

O autor nascido em 1957 no oriente boliviano na província amazônica de Santa Ana del Yacuma, departamento do Beni, considerado um dos mais proeminentes escritores da atualidade na Bolívia inclusive tendo recebido prêmios dentro e fora da Bolívia.

Los Reinos Dorados foi considerado pela crítica boliviana um "sucesso na poesia", segundo o conceituado historiador boliviano Alcides Parejas Moreno (2007) especialista em história do oriente boliviano afirma que "*Los Reinos Dorados es un libro que deberíamos leer todos los bolivianos para hacer reverdecer la esperanza*". Carvalho resgata de forma graciosa um passado esquecido contado de forma mágica, é uma história de muito antes dos 'conquistadores', dos Incas, muito antes de tudo.

---

aquele que acaba de por em suas mãos umas poucas e contadas moedas de prata, além do mais de sua companheira e de seu filho, é dono de um revolver, usa sapatos, é possuidor de uma apreciável quantidade de dinheiro, de um confortável colchão, escopeta, pratos, panelas, etc.

A poesia apresenta traços característicos de uma literatura fantástica, onde tudo está em pleno contato com o mundo interior, onde os seres e personagens estão intrinsecamente ligados a natureza, ao místico e ao mundo sobrenatural.

Os primeiros versos do poema surgem carregados de espiritualidade e pura leveza, onde o mundo dos vivos e dos mortos interage em um contato sublime. O poeta encontra em seus sonhos seu pai que o convoca para junto com ele contar a história dos Reinos Dourados e na voz de seu pai o poeta inicia:

> Siente / mi presencia bajo tu piel / y déjame que vuelque en ti / mi alma cargada de recuerdos /Yo seré tus sueños/y habitaré tus palabras / para que juntos contemos / la historia de los Reinos Dorados /Mi padre hablaba / con la misma pasión / con que se habla /de las mujeres amadas[50] (CARVALHO, 2007, p.04).

Deste modo, começam a ser reveladas palavras em forma de imagens de antigos reinos de um tempo passado que ao mesmo tempo reacende, um tempo além de todas as coisas, exceto da vida e da morte, que segundo a poesia já existiam antes do mundo. A natureza está totalmente ligada aos habitantes destes reinos. Reinos onde não havia um só governante, pois todos eram governantes. O contato com a selva era um dos segredos que mantinham o lugar. A selva era parte importante para a sustentação de "Los Reinos Dorados". O livro de Carvalho é dedicado às civilizações que habitaram e ainda habitam a região conhecida como Mojos.

A poesia de Homero, cria no leitor uma nostalgia de um mundo que não conhecemos, há a sensação de que perdemos alguma coisa, de algo que nos foi apresentado. Ele resgata do *mundo de adentro* ou do mundo interior, os povos de "Los Reinos Dorados", as origens ao declarar os povos que habitaram e ainda habitam a região do Beni:

> Descienden tus abuelos y abuelas/ movimas, mojeños, sirionós, / itonomas, canichanas, cavineños, /chacobos, baures, cayubabas, chimanes/ pacaguaras, otuquis, pausernas, yuracarés/ y otros muchos otros pueblos/ allende el Río de las

[50] Sente/ minha presença sob tua pele/ e deixa-me *envolver* em ti/ minha alma carregada de lembranças/ Eu serei teus sonhos/ e habitarei tuas palavras/ para que juntos contemos/ a história dos Reinos Dourados/ Meu pai falava/ com a mesma paixão/ com que se fala/ das mulheres amadas.

> Amazonas/ el río mar/ el río océano/ el río del mundo[51] (CARVALHO, 2007, p. 30).

Refere-se a todos os povos, que resistiram ao encontro ou confronto com o conquistador e que permanecem nascendo com os Reinos Dorados. O uso de antigas lendas indígenas e dos antigos incas tempera ainda mais a poética de Carvalho, acentuando *los hijos de las águas,* como habitantes das selvas, enquanto descreve a criação dos reinos das águas, compõem de modo simples as culturas que fazem parte da história e da mitologia boliviana: *los queshwasimi* (os quéchuas), *inkarri* (Rei e herói Inca que viveu seus últimos dias na selva de *pantiacolla* na cidade perdida de *Paititi*).

Personagens da mitologia como *El Jichi,* um ser metade serpente metade jacaré, que também pode tomar a forma humana e assim procriar, conhecido como um protetor das lagoas. Quando o *Jichi* morre lagoas nas quais eles habitavam secam: "*Pero ahí están / las lagunas encantadas / que se desvanecen al morir el jichi"* [52]. Este personagem mitológico é um protetor de um lugar sagrado, segundo o poeta são lugares mágicos dos quais os espíritos escaparam, e que agora vivem nos contos que as anciãs transmitem às crianças.

[51] Descendem teus avôs e avós/ movimas, mojeños, sirinós, / itonamas, canichanas, cavinenhos, / chacobos, baures, cuyubabas, chimanes/ pacaguaras, otuquis, pausernas, yuracarés/ e outros muitos outros povos/ além rio das Amazonas/ o rio mar/ o rio oceano/ o rio do mundo.

[52] Mas aí estão/ as lagoas encantadas/ que se desvanecem ao morrer o *Jichi*.

SEÇÃO 4: IMAGINÁRIO, CULTURA E MODERNIDADE

Hay tantas 'modernidades' como épocas históricas.
No obstante, ninguna sociedad ni época alguna se ha
Llamado a sí misma moderna —salvo la nuestra.
Octavio Paz

4.1 Imaginário e Modernidade na Amazônia

Os atuais discursos sobre o "descobrimento" da América em especial do Brasil estão baseados nos registros reproduzidos a partir dos relatos dos primeiros cronistas e viajantes (BELLUZO, 1996). De modo semelhante formaram-se os primeiros discursos sobre a Amazônia. Discursos foram recriados e reinventados por escritores e ficcionistas.

Os escritos sobre a região serviam não apenas para informar os reinos, mas também para entretê-los a fim de contar maravilhas do novo mundo reinventando de forma interessante e maravilhosa.

Neste modelo discursivo assumiam-se modelos culturais baseados na experiência europeia. Os primeiros exploradores que estiveram de encontro a Amazônia, para compreendê-la, tiveram que a construir, e assim se formou narrativas a partir das referências contidas em outras culturas já conhecidas e exploradas. Nascia deste modo o discurso europeu sobre da Amazônia. "*Este discurso constituiu um corpus a partir da interação do novo ocupante: espanhol, português, holandês, inglês francês, com o meio*". (PIZARRO, 2012, p.62).

Os discursos sobre a Amazônia não foram simplesmente uma construção espontânea e inocente, eram em sua forma um objeto fixo do ponto de vista específico de seus exploradores e visavam à descoberta com finalidades exploratórias das possíveis riquezas que se poderiam encontrar ali, entende-se que estas formas discursivas sobre a região foram intencionais e não uma postura inocente de seus cronistas. Para Foucault:

> Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 42-43).

Os primeiros cronistas, ao narrar sobre a nova região, descreviam a Amazônia à sua própria forma de ver e pensar, visando maravilhar seus leitores, reis e nobres. Com esse intuito surgiam com base nestas invenções as maravilhas e fantasias envolvendo o ambiente e as populações locais. A pesquisadora americana Barbara Weinstein afirma que "*os primeiros exploradores divulgaram a região ora como um paraíso tropical, ora como um inferno verde*" (1993, p. 21).

A impressão que a vastidão amazônica pôde ter causado nestes cronistas em um primeiro contato é descrita por Euclides da Cunha, segundo ele:

> A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas (CUNHA, 2000, p. 123).

Entende-se que a Amazônia foi inventada a partir da admiração com base em outros povos e culturas já conhecidas pelo europeu, como por exemplo, a cultura indiana. Deste modo não houve uma construção da Amazônia, mas uma reinvenção aprimorada de outras culturas. Neide Gondim sustenta que:

> Contrariamente ao que possa supor a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato de peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (GONDIM, 1994, p. 09).

Esta citação de Gondim vai de encontro à teoria da Amnésia defendida por Nicomedes Suárez Araúz, no qual o esquecimento e o ocultamento da história e da cultura da região se devem em parte ao silenciamento das vozes dos povos nativos e também pela construção de uma "Amazônia" dos descobridores, discurso que de alguma forma se perpetuou aos dias atuais.

Diversas literaturas tanto sobre seus habitantes, quanto à sua preservação são produzidas a partir da curiosidade sobre a região torna-a um novo discurso, aparentemente renovado, mas em geral escrito com as mesmas intenções dos primeiros cronistas.

A Amazônia concentra em sua extensão territorial, vários berços culturais localizados ás margens de toda bacia amazônica, e todos estes povos

que nela habitam tem seu imaginário social, sua forma de mundo, suas particularidades, crenças e formas de linguagem.

Suárez-Araúz (2014), defende que as literaturas orais devem ser incorporadas em antologias de literaturas amazônicas, ainda segundo ele, sem esta ação apenas se terá uma visão parcial da literatura sobre a Amazônia. A incorporação da literatura oral possibilita um prisma de entendimento mais profundo, possibilitando um estudo mais amplo, e uma abertura da visão parcial que se tem sobre a região.

Desta forma, equívocos relacionados à região ou mesmo uma visão 'colonizadora' frente ao modo de vida e história da Amazônia podem ser revistos e reescritos a fim de solucionar as rupturas impostas pelo silenciamento.

Para Gondim, o discurso colonizador em contato com o desconhecido foi um fator para que "*a prática de comparar as novidades vistas pela primeira vez com algo pretensamente conhecido*" (GONDIM, 1994, p. 50). Isso determinava o discurso e o estabelecia no mundo, de forma que tais comparações familiarizariam o exótico para os europeus.

Nesse contexto, estão as inúmeras lendas e histórias sobre a Amazônia, muitas destas enraizadas até hoje são símbolos colonizadores. Os povos primitivos, as guerreiras amazônicas, o novo éden entre outros. São termos que tornaram a Amazônia cada vez mais exótica frente ao pensamento de seus leitores. As diferenças e os modos de vida encontrados na Amazônia foram e ainda são vistos com "estranheza".

A polaridade entre o colonizado e colonizador, foram as bases, que construíram na mente do europeu a suposta 'superioridade' frente à 'inferioridade primitiva'. O termo "índio" se constitui em exemplo, pois denomina várias etnias e povos pré-colombianos como se todo este conjunto fosse um só, contrário a isso sabemos que são culturas e línguas diferentes entre si.

A partir de Francisco de Orellana, que em 1542 via com admiração o "rio-mar", batizado por ele com o nome de um mito clássico, deste modo o processo *invencionista* da Amazônia pareceu irreversível.

Ele abriu o caminho para a trágica dizimação de grupos indígenas, para a erosão e apagamento de suas culturas, trazidas pela miscigenação e aculturação, sincretismo e, finalmente, para a devastação da natureza da

região: "*hoje a Amazônia é 80% mestiça, étnica, cultural, desmentindo a imagem dela como terra incógnita habitada por tribos 'bárbaras'*" (SUÁREZ ARAÚZ, 1998. p. 06).

A literatura é um forte meio de disseminação de ideias e todos esses escritos produzidos sobre a Amazônia ao longo dos anos fortaleceram ainda mais esses mitos, mesmo que muitos deles fossem exatamente baseados na própria cultura do europeu. A comparação entre as culturas permanece como forma de deslocar o "eu" e o "outro", destacando sempre a diferença. O que não exclui da realidade um *modus vivendi* dos personagens que resistem dentro da Amazônia.

O imaginário social dos povos da Amazônia em geral está em direto relacionamento com o meio ambiente em que vivem. Esta relação direta com o meio aproxima a uma releitura a partir um olhar mais profundo sobre o homem amazônico, assim dizer de uma cultura Amazônica (LOUREIRO, 1994).

A extensa produção literária sobre a Amazônia se apresenta como um campo para estudos em que se pode compreender na perspectiva sociocultural seus aspectos, assim como rever antigos conceitos que se constituíram ao longo dos anos sobre a Amazônia como verdades absolutas.

4.2 A Modernidade e a conquista da Amazônia boliviana

A região amazônica boliviana é o berço cultural de várias nações indígenas e foi arena de mudanças culturais profundas. O território de Mojos (atual Beni) não ficou de fora da modernidade. Ela se apresentou de uma forma bem peculiar na Amazônia boliviana principalmente no período da borracha, no qual tal manifestação se deu forma célere. A região já caminhava em um processo histórico que não começa exatamente na colonização espanhola

A região conhecida como *Mojos,* em tempos pré-colombianos foi habitada por uma sociedade amazônica que desenvolveu tecnologias de produção eficaz adaptadas ao meio-ambiente. Sua formação geológica permitiu a conservação das obras hidráulicas produzidas por esta cultura e se acredita que elas mantinham contatos com culturas andinas.

Muitas das populações que habitavam a região se viram reduzidos por meio das missões, outros, por sua vez dizimados pelas enfermidades

introduzidas na região pela presença do branco. Quando os jesuítas adentraram em *Mojos* em 1675 encontraram a região quase deserta e numerosos povoados em pleno abandono. O território havia deixado de ser a conhecida *tierra rica* pelas populações vizinhas e se apresentava composta por várias etnias haviam esquecido o conhecimento do manejo produtivo do ecossistema hidráulico[53].

A região possui um longo histórico de influências e trocas culturais desde suas antigas populações. Segundo os relatos históricos e mitológicos, esta região seria o lugar do *Gran Paititi* que motivou os conquistadores espanhóis a desbravar a selva com fins a alcançar as incalculáveis riquezas.

É uma região habituada a exploração em diversas épocas. Um dos processos mais recentes foi durante o ápice da exploração da borracha (*la industria cauchera*) que desempenhou grandes transformações no cotidiano e, onde a modernidade se apresentou muito mais expressiva.

O período da borracha trouxe grandes mudanças na região, além de movimentar o mercado, serviu de mecanismo para a conquista do território. A região era ainda uma incógnita para grande parte da população e do governo. A indústria da borracha levou as grandes massas de pessoas que povoaram a região amazônica boliviana. Said Zeitum López aponta que a atuação dos homens que adentraram na indústria *cauchera* intensificou o crescimento populacional na região:

> El cauchero cumplió y ejecutó la tarea de consolidar la bolivianidad em esta región norteamazonica, pues la industria cauchera incentivó un audaz proceso de ocupación territorial y fijó asentamientos humanos[54] (LÓPEZ, 1991, p. 4).

Um dos símbolos de grande avanço na região foi a sede do “império” de Nicolas Suárez, *Cachuela* Esperanza (COIMBRA, 1974). Durante os anos de 1882 e 1940 foi um dos lugares mais modernos do oriente boliviano e mesmo da Amazônia. Possuía equipamentos de última geração trazidos da Europa, contava com energia elétrica um hospital equipado com o primeiro raio-x da Bolívia e médicos especialistas em doenças tropicais, hotel, teatro e um pequena ferrovia utilizada no transporte de borracha, ouro e castanha. Isto

---

[53] Romero, I. et Pastó, E. (2003). Breve introducción a la región de los Llanos de Moxos.

[54] O *Cauchero* (seringueiro) cumpriu e executou a tarefa de consolidar a ‘bolivianidade’ nesta região (Beni) norte- amazônica, pois a indústria *cauchera* incentivou um audacioso processo de ocupação territorial e fixou assentamentos humanos.

dentro do processo da exploração da borracha que induziu os grandes deslocamentos humanos e seus assentamentos na região amazônica boliviana e estavam sujeitos aos vícios que são registrados por Euclides da Cunha em seus ensaios:

> Há, certo, naquela sociedade principiante, os vícios e os desmandos imanentes dos grandes deslocamentos sociais – é que ali repontam, como repontaram nos primeiros tempos do Transval e na azáfama tumultuária do rush do Far West, ou nas minas da Califórnia. A propriedade mal distribuída, ao mesmo passo que se dilata nos latifúndios das terras que só se limitam de um lado pelas beiras do rio, reduz-se economicamente nas mãos de um número restrito de possuidores. O rude seringueiro é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos – e exigindo, pela sua situação precária e instável, urgentes providências legislativas que lhe garantam melhores resultados a tão grandes esforços (CUNHA, 2000, p. 311).

Cunha fala sobre as suas impressões que ele mesmo viu na Amazônia brasileira, neste caso na fronteira entre Brasil e Peru. Estas impressões descritas em seus ensaios foram semelhantes dentro do contexto da exploração da borracha na Amazônia boliviana, se reflete, o que dificultou a vida do seringueiro e do indígena, a principais vítimas deste sistema.

4.3 Das teorias pós-coloniais e a ideologia: o poder da literatura como resposta cultural

Na literatura, a teoria pós-colonial apresenta-se como instrumento de análise tanto à produção literária de países que passaram pela experiência da colonização quanto pode ser uma ferramenta de descolonização dos processos históricos por meio da literatura sobre determinadas culturas, uma vez que essa produção literária passa pela apropriação, forçada, da linguagem do colonizador (BONNICI, 1998).

Ao longo dos séculos a colonização continua na linguagem, na história e dentro da ótica atual ela se processa dentro de escalas globais e permanecem auge de suas ações, é quase impossível eximir ou esconder a representatividade destas ações nas literaturas e narrativas. Muitas delas impõem sentidos colonizadores derivados pela condição social e cultural da época. Said (2011) sustenta que:

> A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais

> apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas (SAID, 2011, p. 34)

Para Said tal invocação do passado, se torna referência para ações futuras ao mesmo tempo em que este passado é submetido também a um processo de questionamento, baseado na incerteza deste passado, tal postura traz à tona a discussão do então divergente 'passado' e da forma como tal postura altera o futuro.

Dentro desta perspectiva de discussão, ou mesmo revisão do passado, se encaminha também dentro disto a revisão dos discursos que tal passado impôs. Do mesmo modo cabe realizar em torno do passado uma releitura e questionar suas divergências para não os admitir no futuro.

Para o autor a interpretação eurocêntrica acerca do oriente via as culturas, não como eram, e sim como deveriam ser para beneficiar ao receptor. Isto se configura para Homi Bhabha "*no discurso colonial, esse espaço do outro está sempre ocupado por uma idee fixe: déspota, pagão, bárbaro, caos, violência*" (BHABHA, 1998, p. 149).

A visão que Bhabha expõe se configura dentro da narrativa de Coimbra quando o autor se refere aos nativos na região do Beni, classificados à época como *selvagens* ou *bárbaros.* A colonização hoje se configura na forma do imperialismo, onde as estruturas são importadas e aplicadas em outras regiões, sem qualquer respeito às necessidades das comunidades que habitam a região. Como exemplo podemos citar as mudanças provocadas pela experiência capitalista na indústria da borracha em distintas regiões da Amazônia.

Na literatura podemos observar que as descrições culturais nas visões dos autores descrevem os modos de vida das culturas autóctones, sua própria visão de mundo define o outro e a natureza tida inabitada, devoluta, sem história (PRATT, 1999). A invocação do passado segue sendo ferramenta constante, e base para as compreensões do presente e pressuposições do futuro

Nesse sentido a retomada do passado influencia no olhar sobre a colonização da Amazônia, sobre o mito progressista que suprime as demais

culturas. A consequência visível disto é a aculturação e a hibridização de culturas indígenas a partir do encontro com a Modernidade.

Terry Eagleton ao especificar por todas as perspectivas o conceito de cultura, onde inclui também o conceito de cultura e colonialismo atual:

> A raiz latina da palavra "cultura" é *colere*, que pode significar tudo, desde cultivar e habitar até prestar culto e proteger. O seu significado como "habitar" evoluiu desde o latim *colunus* até ao "colonialismo" contemporâneo, pelo que títulos como Cultura e Colonialismo são, uma vez mais, levemente tautológicos. Mas *colere* também originaria, através da expressão latina *cultus*, o termo religioso "culto", precisamente no momento em que, na era moderna, a própria ideia de cultura é substituída por um evanescente conceito de divindade e transcendência. As verdades culturais — seja na arte superior ou nas tradições de um povo — são por vezes sagradas, devendo ser protegidas e veneradas. A cultura herda, assim, o imponente manto da autoridade religiosa, mantendo, porém, incómodas afinidades com a ocupação e a invasão; e é entre estes dois polos, positivo e negativo, que o conceito se ergue atualmente (EAGLETON, 2003, p. 12).

Neste conceito pode-se compreender que a cultura atinge um objetivo polarizado podendo ser atualmente negativo ou positivo. Historicamente a visão de que determinada cultura pode alcançar certo 'privilégio' por se acreditar, erroneamente, que ela seja "superior" frente a outra, reflete um sentimento colonizador. Como aponta Eagleton, a uma sacralização dessa cultura, está relacionada, neste aspecto, com os sentidos da ocupação e a invasão: a colonização cultural em todos os sentidos. Por meio das literaturas bolivianas, observa-se a utilização descritiva da cultura, mas em um sentido maior, em toda uma conjuntura político – cultural.

O conhecimento e a investigação desta literatura se evidenciam pela importância de que por meio delas se pode discutir e reescrever a história literária, histórica e cultural no âmbito amazônico. Retomando ou contestando os discursos que mantiveram a Amazônia por um longo período como uma região acultural.

Não se pode entender a literatura como um mero meio, seu alcance depende muito da forma como o autor atua por meio do texto e de como este texto se encontra ou é interpretado por seus leitores. Eagleton escreve que para Heidegger:

> A interpretação literária não está fundamentada na atividade humana; em primeiro lugar ela não é alguma coisa que *fazemos,* mas algo que devemos deixar que aconteça. Devemos nos abrir passivamente ao texto, submetendo-nos ao seu ser misteriosamente inesgotável, deixando nos interrogar por ele (EAGLETON, 2009, p. 98).

Os significados da obra podem surgir a partir de sua recepção e depende da liberdade com a qual o leitor se permitirá ao longo de sua leitura. Depende do contexto histórico da obra e do contexto a qual o leitor estar vinculado, e das relações existentes de confrontação ou aceitação.

Ainda de acordo com Eagleton (2009), quando a obra passa de um contexto histórico a outro, novos significados podem ser extraídos dela. Uma nova compreensão é imposta. Um conteúdo de uma obra por muito tempo considerada inofensiva durante o contexto histórico de sua criação pode a partir de uma leitura atualizada apresentar informações antigas com informações novas.

Dentro da perspectiva da teoria pós-colonial, obras com conceitos colonizadores das quais podem se investigar e reescrever ou mesmo contestá-las, transformando a ação leitora em uma ação *descolonizadora* no sentido de Fanon (1983).

Neste sentindo, vê se que a literatura transcende os campos do pensamento quando a visão de mundo de seu autor encontra-se com a de seu leitor. A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Ela percorre regiões que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes (COMPAGNON, 2010).

As obras a partir do ponto de vista de seu autor na novela que denuncia ou extrai a sobrevivência do homem em território hostil (a selva) ou em situações de submissão aos ‘patrões’, seja na poética que envolve a cultura e história por uma perspectiva do descobrimento através do campo social e político que, envolve todo um conjunto histórico rejuvenescendo a dinâmica e a realidade social e de alguma forma reconquista o ‘ator-leitor’ a um novo olhar, desta vez um olhar próprio sobre sua trajetória até aquele momento.

Ou que vivencia um momento peculiar e o expressa descrevendo *in loco* todos os acontecimentos políticos, sociais e culturais da ação humana e da grande mobilidade da massa que se desloca a uma região no intuito de recriar, modificar e por último ‘conquistar’ regiões, povos e culturas.

Cada autor fornece uma visão detalhada de seu tempo histórico, a partir disso observa-se a função ideológica dentro de cada perspectiva, com a função de esclarecer, recontar e politizar seu leitor a fim de não só fazê-lo conhecer aquele conteúdo a qual se está escrevendo, mas de alguma forma atingi-lo. Seria gerar no seu ‘ouvinte’ ideias e valores de vida (EAGLETON, 1997).

Eagleton aborda aqui a função ideológica que permeia o universo e que atinge o receptor, gerando nele valores e ideias, não estando esse leitor preso apenas ao conteúdo. Nesse sentido, o objetivo do autor é que sua obra não seja apenas conhecida, mas, que venha a interferir na realidade social de seu receptor

A literatura ao abordar fatos sobre a realidade posiciona o leitor diante de elementos que para ele são novos, forçando-o a ‘uma consciência e revisão de expectativas’ conduzindo o leitor por meio de seu texto a reconhecê-los pela primeira vez. Direciona-o a preencher lacunas as quais se vê obrigado a intervir e posicionar-se. Em outras palavras, o texto literário, ao “desconstruir” o que é familiar, desperta o leitor para o que não lhe é familiar assim como para os elementos que estabelecem essa normalidade, fazendo com que, a partir da observação e contraste, ele passe a ter consciência crítica da sua realidade. (COSTA, 2014)

Nesse sentido, entende-se a literatura como uma fonte de poder em se tratando de construção política e cultural, pois se tem o acesso a uma consciência crítica, formando leitores que dialogam entre o texto e a realidade ao seu redor. Realiza por meio do texto um diálogo com o contexto histórico a partir da materialidade humana.

SEÇÃO 5: O ESPAÇO CULTURAL NAS OBRAS E RECEPÇÃO

5.1 uma realidade material e a realidade do mito

Diante de uma realidade complexa, é da natureza humana em qualquer sociedade criar narrativas incríveis e fabulosas na intenção de descrever aquilo que ele não pode entender dado talvez à estranheza, complexidade em relação à novidade do fato desse modo, utiliza-se da criação de mitos para explicar certos fenômenos os quais não compreende.

O mito foi utilizado dentro da narrativa para explicar acontecimentos mágicos ou fabulosos. Acontecimentos muitas vezes motivados na realidade e valorizados até alcançarem a estabilidade ou se tornarem uma criação de uma realidade dentro do mito, neste caso o 'mito vivo'. Tal mito em algumas sociedades tomou a posição de condutor de comportamentos "*conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência*" (ELIADE, 1972 p.06).

O mito muitas vezes pode estar ligado à realidade imaterial, a fenômenos naturais. Podemos citar, por exemplo, o mito dos *Waris*, deidades andinas que viviam no interior da terra, um dia sopraram tão forte que surgiram as cordilheiras dos Andes, depois saíram da terra e se tornaram plantas e animais.

Para Mircea Eliade o mito é:

> O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (ELIADE, 1972, p. 11-12).

Para o autor o mito é complexo e pode ser interpretado por diversos prismas ou múltiplas perspectivas, mas o mito em geral, visa explicar um fato ou acontecimento primordial e suporta explicações do início de algo com a

finalidade de dar uma explicação como tal realidade passou a existir em sua totalidade ou fragmentária.

Entende-se aqui, que o mito explica realidades em seu entorno, a explicação de seu início ou de seu fim. No exemplo dos *Waris*, o mito, serve justamente para dar a entender como passaram a existir as montanhas que hoje fazem parte da cordilheira dos Andes. Como ainda sugere Eliade, o mito é visto como uma história sagrada e verdadeira, pois sempre se baseia em realidades, o mito *cosmogônico*.

A Amazônia, em toda sua extensão é e ainda continua sendo um espaço cultural onde mudanças profundas ocorrem, mudanças de ordem econômica, político e sociocultural influenciam diretamente e na maior parte destes processos de forma catastrófica nas comunidades e povos originários. A marca identitária atual destas culturas toma corpo quando estas sociedades amazônicas se caracterizam por seu isolamento. (LOUREIRO, 1994).

As comunidades culturais são diversas na Amazônia boliviana, em sua maioria são comunidades de aspectos tradicionais, como forte influência cultural indígena e carregam o peso do hibridismo.

Isto reflete uma negociação cultural forte por meio de sua estética mitológica de um território por vezes envolvido em bases imaginárias e da importação cultural dos colonizadores, valorização de suas culturas frente aos efeitos devastadores da urbanização provocados pelas mudanças recentes sob a visão mercadológica da região. Resta a estas comunidades a tentativa de manutenção de suas tradições. A presença do mundo urbano força as atuais gerações destras comunidades a um deslocamento cultural de suas raízes. Ana Pizarro afirma que:

> Durante muito tempo a importância de diversos mitos relativos à barbárie impediu o surgimento de um olhar de natureza cultural, não apenas antropológico, mas abarcador de diferentes dimensões, sobre esta área. Por outro lado, apesar de seu precoce reconhecimento como uma unidade no plano geofísico, o constante assédio geopolítico e suas divisões nacionais retardaram o reconhecimento de sua complexa unidade no plano simbólico (PIZARRO, 2012, p. 23).

Para a autora, fatores como ação de barbárie contra as populações indígenas impossibilitou um olhar sobre a pluralidade e a ação geopolítica na Amazônia dificultou a visualização de sua complexidade.

As sociedades na Amazônia em geral estão inseridas nesta perspectiva de imaginação, estão baseadas em fatos que unem seus membros muitas vezes o motivo a união destas comunidades é de fato o que se esqueceu dela. Em síntese, se unem para buscar elementos que fortifiquem a identidade de sua sociedade.

5.2 O espaço político-cultural aplicado à análise das obras

a) Siringa: Memórias de un colonizador del Beni

A grandeza da natureza, o espirito de aventura, o encontro cultural e a hibridização são temas constantes dentro de *Siringa* (1974). O autor apresenta a perspectiva cultural dentro de sua narrativa ciente aos efeitos da colonização e a partir de sua observação cultural.

O propósito da obra de Coimbra (1974) está na afirmação de domínio e efetiva posse de cidadãos bolivianos sobre o território antagonicamente hostil e ao mesmo tempo provedor, de um lugar inabitado, mas que é de fato habitado.

A narrativa exalta as experiências de colonização do território amazônico boliviano e ao mesmo tempo documenta os aspectos culturais, as modificações impostas nesta região a partir do encontro cultural de sociedades totalmente distintas.

A dinâmica inicial que leva o colonizador ao território beniano está em uma visão a partir do antigo mito do eldorado, da terra fabulosa, um lugar lendário e nunca localizado. O roteiro das descobertas dos colonizadores do Beni está na empreitada em parte motivada pela fantasia: "*ao fim chegamos ao remoto país cujos distantes confins jamais pode a lenda precisar. Mojos – para os benianos"* (COIMBRA, 1974, p. 51). Embora a fantasia do eldorado dominasse a muitos, vê-se que muito desta corrida pela conquista do *oriente boliviano* está parcialmente relacionada a interesses políticos e econômicos. De um lado a recente República Boliviana se propunha a executar seu plano de soberania nacional e por outro, a grande necessidade de mão de obra para a extração da borracha.

A experiência geográfica de *Siringa* é fabulosa, isso se apresenta a partir dos lugares citados por meio de um mapeamento cultural e literário, das pequenas cidades e dos remotos lugares onde a indústria da borracha alcançava. Isto demonstra a experiência e o conhecimento regional que o autor obteve em suas viagens pelo território beniano.

O próprio autor descreve por meio de sua obra aquele período que seu país estava inserido. No capítulo em que fala sobre os *conquistadores* que almejavam desbravar os desconhecidos e das consequências que poderiam surgir desta intenção: o desenrolar da experiência de colonizar um território visando fortuna e glória e as infelizes contradições humanas:

> Não há porque em se deter em patentear o desenvolvimento dos atrativos que pelos métodos fraudulentos e ignominiosos que empregaram alguns agentes, chegaram à mais tenebrosa celebridade. Recrutavam até entre as crianças e se roubava os serventes. Mas isto não era o pior, senão a forma violenta e atentatória com que depois se procedia a conduzi-los. E não queremos descrever tais quadros, pois compreendemos que semelhantes fenômenos sociais vão se repetindo sempre onde quer que haja descoberto riquezas extraordinárias, se haja requerido imperiosamente a necessidade de força humana para sua exploração (COIMBRA, 1976, p. 30).

Nesse sentido, Coimbra sintetiza de forma objetiva que a experiência de exploração em lugares onde existem riquezas perpassa o lado positivo influindo e divisando no comportamento humano. O autor observa que não se deterá em descrever tais particularidades da crueldade humana. Em realidade a exploração da borracha em toda a Amazônia, inclusive o Beni, estão presentes as barbaridades e crueldades envolvidas no interesse do capital. Para Fanon (1982):

> Durante séculos, os capitalistas comportaram-se no mundo subdesenvolvido como verdadeiros criminosos de guerra. As deportações matanças, o trabalho forçado, a escravidão foram os principais meios utilizados pelo capitalismo para aumentar suas reservas (FANON, 1982, p. 62).

A perspectiva da ação capitalista na Amazônia, com a qual nos deparamos na fala de Fanon, está explícita na obra de Coimbra. O autor demonstra observância e sua visão política do processo de ocupação da região amazônica durante a exploração da borracha. Coimbra implicitamente vai deixando a critério do leitor, observar ‘tais quadros’. Deixando-o participar da

experiência e memória da aventura empreitada. Sabe-se que muitos dos recrutados para trabalhar na *indústria da borracha* como os seringueiros seriam vítimas diretas da exploração em benefício da riqueza que alguns coronéis ou barões do caucho.

b) Inundación

Por meio da imponência e postura do autor em demonstrar em sua narrativa as relações humanas, pela sobrevivência e na resistência contra o opressor. Durán Böger (1967) em sua narrativa destaca a frieza e a submissão humana ambientada na região amazônica boliviana.

O autor por meio de sua narrativa conscientiza o leitor sobre as dificuldades do homem em terras ignoradas pelo governo, explorando sua narrativa a partir de um ambiente que está alheio ao mundo ocidental, distante de qualquer progresso urbano.

A ficção de Durán Böger reflete a realidade vivida por muitos colonizadores e mestiços da região beniana que se aventuraram pelas selvas bolivianas e foram esquecidos depois do período áureo da exploração borracha, *Inundación* reflete as condições de opressão do homem pelo próprio homem, levando o leitor a experimentar a partir do texto esse modo de exploração por meio do trabalho forçado:

> Este aspecto no lo ve muy claro, pero lo advierte con el sentido esencial y primitivo de la lucha de clases que se manifiesta en la vida deshumanizada, todos los días, durante meses y años, a través de milenios, en cualquier parte del mundo, allí donde existieron y existen aún las condiciones agobiantes del trabajo sometido y especializado a la dictadura a la esclavitud del sistema capitalista[55] (BOGER, 1965, p. 41).

A partir do trecho acima se percebe a crítica social, frente a exploração humana, não apenas no ambiente amazônico, mas em todo o mundo. No caso da Amazônia por exemplo, a exploração da borracha que levou a muitos homens neste período a servirem ao trabalho escravo, submetidos e forçados

[55] Este aspecto não o vê claramente, mas o adverte com o sentido essencial e primitivo da luta de classes que se manifestam na vida desumanizada, todos os dias, durante meses e anos através de milênios, em qualquer parte do mundo, onde existiram e existem ainda as condições opressoras do trabalho forçado e dirigido à ditadura à e a escravidão do sistema capitalista.

pelo mercado da borracha. Segundo Böger, ao sistema capitalista. Observa-se nisto uma perspectiva político-ideológica do autor por meio de sua narrativa.

Em *Inundación* ao mesmo tempo em que, o autor, toca no sentido da opressão e desigualdade humana, também dialoga com a influência do ambiente na vida de seus personagens:

> Corazones huecos donde el amor no echo raíces. Sí y a podredumbre de la existencia burguesa sin planes constructivos que puedan beneficiar a las grandes mayorías humanas. Esta gente está allí, sujeta a la barbarie de la naturaleza salvaje. La brutalidad de los elementos barbaros. La inclemencia de los cielos derretidos. Verano obscurecido y plúmbeo. Agriedad neurasténica de la pequeña burguesía. Todo allí... está mezclado en esa vaguedad de espíritus primitivos[56] (BÖGER, 1965, p. 122).

Durán Böger faz de sua literatura uma denúncia das crueldades sofridas pelo homem beniano, sua luta contra a natureza, a intempéries e a vida de trabalho que é submetido, trabalhando muito por pouco dinheiro. Segundo o autor, o homem vai se desumanizando frente aos sofrimentos e as difíceis situações a que está submetido e novamente o autor retoma a distinção de classes destacando a 'sociedade burguesa' e sua frieza para com os 'injustiçados'.

Descreve as lutas de classes, para ele, um espelho de toda a sociedade latino-americana. O homem beniano seria a representação de toda uma sociedade vivendo a mercê e submetido às dificuldades provindas da desigualdade social.

Nesse sentido, se vê em *Inundación* o reflexo da realidade vivida na região. Sua leitura nos remete a uma crítica sobre a crise nas relações sociais na Amazônia vê-se este tema como um reflexo do tempo ao qual o escritor está inserido versando sobre às relações sociais, as quais se vivem a América Latina naquele período.

Desta maneira, se Durán Böger pode ser traduzida a diferentes momentos históricos e dela podem ser extraídos elementos para uma análise

[56] Corações ocos onde o amor não deixou raízes. Sim é a podridão da existência burguesa sem planos construtivos que possam beneficiar a grande maioria humana. Esta gente está ali, sujeita à barbárie da natureza selvagem. A brutalidade dos 'elementos bárbaros'. A inclemência dos céus derretidos. Verão obscurecido e pesado. Exaspero neurastênico da pequena burguesia. Tudo ali... está misturado nesse vazio de espíritos primitivos.

social rica não só amazônica, mas a um contexto continental da condição humana.

c) Los Reinos Dorados

Los Reinos Dorados, de Homero Carvalho Oliva (2007) vai além do histórico, requerendo o resgate cultural e mitológico da região ao fundar-se nas crenças dos povos originários de *Mojos*, relevando a importância cultural do lugar como componente histórico e território imaginário.

A perspectiva do leitor ao ler *Los Reinos Dorados* é de um reencontro com um ambiente nostálgico e remoto, que ainda está em construção no presente e no futuro. O poema de Carvalho traça um caminho que mescla o irreal e o real, apoderando-se de contextos baseados na realidade como por exemplo, a incursão incaica no território de *Mojos* e a invasão espanhola. A poesia se estabelece como documento da identidade mitológica e cultural dos povos do Beni, se configura também como legado para as gerações futuras que habitam este espaço cultural e mitológico.

O escritor beniano, nascido na terra da etnia movima, se utiliza das memórias ancestrais poetizando a partir de um encontro com seu pai, o também escritor Antônio Carvalho (1931 - 1989) no mundo dos sonhos em uma quimera fantástica convida o autor a contar a história dos "reinos dourados" para que ninguém se esqueça deste mundo que habita na memória de cada descendente de seus habitantes, mesmo que muitos ainda nem sequer o saibam:

> Siente / mi presencia bajo tu piel / y déjame que vuelque en ti / mi alma cargada de recuerdos / Yo seré tus sueños / y habitaré tus palabras / para que juntos contemos / la historia de los Reinos Dorados / Mi padre hablaba / con la misma pasión / con que se habla / de las mujeres amadas[57] (CARVALHO, 2007, p. 04).

[57] Sente/ minha presença sob tua pele/ e deixa-me envolver em ti/ minha alma carregada de lembranças/ Eu serei teus sonhos/ e habitarei tuas palavras/ para que juntos contemos/ a história dos Reinos Dourados/ Meu pai falava/ com a mesma paixão/ com que fala / das mulheres amadas.

Neste encontro não se dá no campo real, mas no mundo onírico, da memória, a partir deste encontro de lembranças e memórias nas muitas vozes que contam sobre este reino inolvidável de dualidade real e mitológica.

Para compreender a importância da poesia de Carvalho no contexto cultural e histórico da região amazônica, é preciso, como afirma Fonseca, que:

> Entendamos essa síntese entre a ficção, a poesia, o mito e a história. É necessário que nos deixemos incorporar pelo espírito da Pátria das Águas. É preciso admitir o encanto de um ativismo que permite compreender a herança e a origem do home oriental, especialmente do homem beniano (FONSECA, 2014, p.248).

A aceitação deste espírito da Pátria da Águas ou *Cultura de las aguas* nos permite compreender os aspectos da herança e a origem do beniano como descendente dos reinos dourados. O *eldorado*, o reino perdido, nunca encontrado pelos incas e espanhóis. O país de inúmeras riquezas, que está em toda a parte, mas não faz fronteira com lugar nenhum.

A poesia de Carvalho situa este reino, no território de *Mojos*, no Beni, na Amazônia boliviana. Este *eldorado* a partir de um mito criado pelos indígenas ainda em tempos de colonização espanhola e portuguesa que atraiu a muitos aventureiros europeus, um mito em constante mutação, sempre renovado.

O autor propõe em sua poesia uma nova visão deste *eldorado*, do campo cultural, reacendendo a luz com detalhes esquecidos. Detalhes imateriais que transcendem a riqueza que encheram os olhos e a cobiça do explorador (FONSECA, 2014). Carvalho apresenta por meio da memória de seu falecido pai este reino comparável em grandeza a tantos outros reinos mitológicos:

> Mi padre / extiende su brazo / y abriendo su puño / sopla la palma de su mano / dejando escapar en ligera brisa / fabulosas imágenes que se pierden en el aire / Me muestra remotos reinos / que se extinguieron en la tierra / pero ninguno de ellos se parece / a nuestros Reinos Dorados me dice / Los exploradores cuentan / que estaban en las selvas de *Mojos* / y eso no es cierto / que lo cierto es / que la selva estaba en los Reinos Dorados[58] (CARVALHO, 2007, p. 06).

[58] Meu pai/ estende seu braço/ e abrindo o punho/ sopra a/ palma de sua mão/ deixando escapar em ligeira brisa/ fabulosas imagens que se perdem no ar/ Me mostra reinos distantes/ que se extinguiram na terra/ mas nenhum deles se parece/ aos nossos Reinos Dourados me diz/ Os exploradores contam/ que estavam nas selvas de *Mochos/* e isso não é certo/ o certo é/ que a selva estava nos Reinos Dourados.

Observa-se a valorização deste reino comparado a reinos mitológicos como Atlântida e Lemúria. O poeta vai qualificando este território fantástico com bases místicas no território beniano. Segundo dados arqueológicos tiveram em seus limites uma sociedade que leva o nome de *Cultura das águas* que também é conhecida como a *Cultura hidráulica de las lomas*.

Este mundo nostálgico e mitológico é formado pelo discurso de criação conjunta que se revela a partir do contato terreno e do contato espiritual e está estritamente ligado a *cosmovisão* indígena, dos povos que contam por meio da literatura oral estes acontecimentos. Carvalho reúne uma composição metafísica própria do lugar.

A propriedade de construção poética que é apresentada em *Los reinos Dorados* é também uma construção social por invocar antecedentes que restabelecem conceitos da formação cultural e identitária da região beniana, local possível, segundo a poesia, do *gran Paititi.*

A poesia de Homero Carvalho agrega elementos de diferentes épocas, elementos que interagem com a realidade histórica local, mas ao mesmo tempo possibilita um reencontro com a cultura dialogando com o universal, tomando a posição de um documento que atesta a importância da cultura na região.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa sobre a literatura amazônica boliviana vislumbra apresentar à academia a possibilidade de revisitar a história e cultura deste espaço cultural por meio de sua literatura. Investigar esta literatura nos fornece subsídios para compreender a dinâmica cultural e discutir as relações históricas do passado e compará-las com o presente.

Propôs-se neste estudo, um diálogo com o espaço literário e cultural da região amazônica boliviana, não a isolando diante dos demais espaços culturais que compõe a região.

Para tanto, se realizou levantamento sobre o processo de construção discursiva da Amazônia, assim como das principais obras literárias expoentes na região do departamento boliviano do Beni com o objetivo de apresentar os antecedentes desta literatura.

A literatura amazônica ou de expressão amazônica é relativamente nova e ainda pouco visitada, carecendo de uma crítica específica. Sobre a Amazônia não me refiro apenas à parte brasileira, mas sim a um contexto pan-amazônico. Sendo este, um campo em que se incluem as literaturas de expressão portuguesa, castelhana, de línguas indígenas e literaturas orais.

A literatura sobre a Amazônia é um fluxo crescente, são literaturas que definem esta região por diversos prismas culturais, influenciados pela experiência cultural da região ou determinados pela visão de mundo e a linguagem literária dos seus autores.

Algumas literaturas são discursos que se repetem, outras, no entanto, tentam descrever ou reescrever por meio da ficção o *silenciamento* por meio de uma nova construção da Amazônia. Esta postura literária rompe velhos discursos que se enraizaram e ditaram por um longo período, o que seria a Amazônia.

Nesse sentido, se observa que a literatura desta região, se configura como elemento para os estudos sobre a cultura e história da Amazônia, assim como da América latina. No entanto, no caso da literatura na Amazônia ainda segue marginalizada, e relegada ao rótulo de literatura regional.

A literatura do oriente boliviano, região formada pelos departamentos de Pando, Beni e Santa Cruz, vem se incorporando às antologias nacionais, ganhando assim maior representatividade de sua expressão. Mas isso se deve a um processo de legitimação, por meio de embates entre o espaço andino e amazônico. Uma vez que a Bolívia é geralmente denominada como um país andino, mas apresenta um pouco mais de 60 % de seu território como bioma amazônico.

Diante desta perspectiva, por meio das literaturas relacionadas nesta pesquisa, se observa que estas obras apontam para releituras sobre este espaço e provam a valorização da literatura amazônica boliviana, principalmente a literatura do departamento Beni, da qual, utilizamos as obras e autores para pautar esta pesquisa.

Vemos por meio da análise das obras *Siringa: Memorias de un colonizador del Beni,* de Juan Bautista Coimbra (1974); *Inundación,* de Luciano Durán Böger (1967); e *Los Reinos Dorados*, de Homero Carvalho Oliva (2007) a representatividade da história e cultura da região amazônica boliviana.

Os autores e suas obras evocam por meio da literatura acontecimentos históricos relacionados à região, e suas obras se complementam por meio dos aspectos culturais que aludem à Amazônia: sua história, sua colonização, seus espaços mitológicos e a *cosmovisão* do indígena.

Representam as relações sociais relacionadas a períodos históricos como: a colonização espanhola, o período da exploração da borracha, e o contemporâneo; sua mitologia: lendas, as anteriores à colonização incaica, a origem dos homens que viveram sob a *cultura da água.*

Nesse sentido, vale ressaltar que as obras contam sobre o território beniano, trazendo em seus textos referenciais para a compreensão e investigação da trajetória regional, mas que ao mesmo tempo exploram as relações humanas e a relação homem-natureza abarcadas no processo histórico da região.

Deste modo, acredita-se que a investigação das obras mencionadas oferece elementos não apenas para a investigação no âmbito amazônico, mas promovem também o estudo deste espaço dentro da dinâmica histórica e literária latino-americana.

A Amazônia nada mais é do que uma parte integrante da América latina. É também um espaço onde as representações literárias se apresentam mais opostas e dicotômicas. Por esta razão, se evidencia que esta literatura, possibilita a reflexão sobre a expressão literária nesta zona, analisando suas representações da realidade.

Acredita-se ainda que, o estudo e a investigação desta literatura auxiliam na análise de bens culturais e históricos de suas populações, fomentando assim percepções claras de sua importância cultural.

Com base na análise destas obras e dos seus autores já mencionados, nota-se uma estreita relação com a cultura, história e o imaginário amazônico boliviano, chegando-se às seguintes considerações básicas:

- Apesar de estas literaturas estarem ambientadas em uma região específica (território beniano, Amazônia boliviana), e de tratarem de temas regionais, não se pode esquecer-se de sua importância enquanto literatura boliviana e literatura hispano-americana, a partir dos seus elementos que transcendem o regional.

- A importância da descrição cultural que os autores tratam nas suas obras, enriquece a compreensão de mundo como um todo, não apenas da região e do espaço amazônico, mas reflete na paisagem por meio do elemento humano e das contraditórias relações entre o homem, a natureza e o mito.

Este levantamento de obras, que procura centrar-se na literatura beniano-boliviana, finda por conceder uma perspectiva de literatura de cunho pan-amazônico. Assim, destaca-se a cultura amazônica por meio de sua literatura, ressaltando o oriente boliviano como base para o entendimento do homem e da natureza, rio e selva. Elementos que dentro desta região são referentes comuns às suas populações.

Estes aspectos são possíveis devido às considerações das narrativas como enfeixadas pelo ideal da Modernidade. A Amazônia desvenda-se melhor por abordagens teóricas capazes de refletir suas diversas construções, devido ao seu imaginário de raízes diversas, sua pluralidade e para uma explicação mais coerente.

Acrescenta-se também neste estudo, um enfoque sobre a literatura amazônica além das fronteiras brasileiras. Estas literaturas nos levam ao

entendimento da Amazônia como um todo, servem de base para a discussão das relações culturais que permeiam a região.

Nesse sentido, se entende que o presente estudo não se finaliza aqui. É uma pequena contribuição para o estudo literário e cultural desta região, cabe ainda muito o que se investigar com relação à cultura e literatura na Amazônia, e sobretudo sobre o ser amazônico.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Nataniel. **Diez mejores novelas de la literatura boliviana**. Ed. Carlos D. Mesa. Plural Editores, 2004.

BARBA, J. et alii. **Paisagem y voces de Mojos**. La Paz, Plural Editores, 2009.

BRAGA, Elda Firmo. **As dimensões estéticas da pentalogia "La guerra silenciosa**": *um espaço literário de resistência humana e de motivações ecológicas*. 2010.

BORGES, V. R. **História e Literatura**: Algumas Considerações *in* Revista de Teoria da História ano 1 nº 3. Universidade Federal de Goiás: junho, 2010.

CANDIDO*,* Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTRO, Ferreira. **A Selva**. Rio de Janeiro. Editora: José Aguilar, obras completas, v 1, 1958.

COIMBRA, Juan B. **Siringa*: memorias de un colonizador del Beni.*** La Paz. Librería Editorial Juventud, 1974.

COLL, Edna. **Índice informativo de la novela hispanoamericana V**. Río Piedras: Puerto Rico. Editorial Universidad de Puerto Rico, 1992.

COMPAGNON, Antoine. **Para que serve a Literatura?** Trad. José Domingues de Almeida. Porto: Deriva, 2010.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido**: *reunião dos ensaios amazônicos*. Brasília. Senado Federal, 2000.

COSTA, Márcia H. M. S. **Estética da recepção e teoria do efeito**. 2014.

DÍAZ MACHICAO, Porfirio. **Prosa y verso en Bolivia**. Editorial Los Amigos del Libro. La Paz-Bolivia, 1966.

D'ORBGNY, A. **Descripción geográfica, histórica y estadística de Bolivia** (Departamento del Beni-provincia Caupolicán y Moxos) París, 1845

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

EAGLETON, T. **A idéia de cultura**. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

_____. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

_____. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FANON, Frantz. **Los Condenados de la Tierra**. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 1983.

FONSECA, Dante R da. **Los Reinos Dorados, poesia, história, ficção e mito**. Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé, v. 3, n. 2, p. 347-357, 2014.

Finot, Enrique. **Historia de la literatura boliviana**. Gilbert, 1975.

GARCÍA, Juan Quíros. **Índice de la poesía boliviana contemporánea**. La Paz: Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia, 1964.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Marco Zero, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. O **contexto da obra literária**: *enunciação, escritor, sociedade*. Martins Fontes, 2001.

MAMANI, Elias Blanco. **Enciclopedia Gesta de autores de la literatura boliviana**. La Paz: Plural Editores, 2005.

MEDINA, F. DIEZ, **Literatura de Bolivia**. La Paz: Editorial Los Amigos del Libro, 1980.

NEVES, Auricléia Oliveira das. **A Amazônia na visão dos viajantes, séculos XVI e XVII**. Manaus: Editora Valer, 2011.

MOSCOSO, Eduardo Ocampo. "**En las tierras de Enin" de Luciano Duran Boeger** *In* Actual Investigación, n. 1, p. 204-207, 2011.

OPORTO ORDÓÑEZ, Luis. **Gunnar Mendoza y la construcción de la archivística boliviana**. 2004.

PAREJAS, Alcides. **Literatura del oriente boliviano:** *unos apuntes y reflexiones In* RICHARDS, K. J. **Narrativa del trópico boliviano**. Santa Cruz de la sierra: Editorial La Hoguera, 2004.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

PAZ, Octavio. **Unidad, Modernidad, Tradición** *In* Octavio Paz Obras Completas 3, Fundación y disidencia. Domínio Hispánico, Cidade de México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

PRATT, M. L. **Os olhos do império**: *relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

RIESTER, Jürgen. **El estado de las investigaciones sobre literatura oral de los pueblos indígenas de las tierras bajas de Bolivia**. América Indígena, v. 54, n. 3, p. 39-54, 1994.

SANTIAGO, Socorro. **Uma Poética das Águas**. 1986.

SOLDÁN, Alba María Paz. **Índice de la novela boliviana (1931-1978)**. Revista Iberoamericana, v. 52, n. 134, p. 311-320, 1986.

SOUSA, S. G. **O discurso sobre o nordestino, colonialismo e pós-colonialismo: uma análise do livro La estrella solitaria de Alfonso Domingo.** *In*: BISPO, S.C.M [*et all*].. (Org.). Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental 4. 01ed.Rio Branco: Edufac, p. 442, 2010.

SOUZA, V. **Cultura e literatura**: *diálogos*. São Paulo: Ed. do Autor, 2008.

SUÁREZ ARAÚZ, Nicomedes. **¿Existe una literatura amazónica boliviana?**. Revista Aportes de la comunicación y la cultura, p. 99, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: *a questão do outro***. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VILELA, Hugo. **Alcides Arguedas y otros nombres en la literatura de Bolivia**. Kier, 1945.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: *expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

WILKENS, Henrique João. **Muhuraida ou o triunfo da fé**. Manaus: Universidade do Amazonas, 1993.

YAN, Andrew Solano. **Terry Eagleton**: *a trajetória da crítica*. Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política. ISSN 1982-6672, v. 5, n. 15, p. 59-76, 2012.